

COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA SAÚDE *História e Devção*

Claudiomar Antônio Galio

Suelen Padilha Prando

Organizadores

EDITORA
UNOESC



AMIA LUM FIE ORGULUM



Figura 1 – Imagem de Nossa Senhora da Saúde

N. Senhora da Saúde

Editora Unoesc

Coordenação
Tiago de Matia

Agente administrativa: Simone Dal Moro
Revisão linguística e metodológica: Esther Arnold
Capa, projeto gráfico e diagramação: Simone Dal Moro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

N897	Nossa Senhora da Saúde: história e devoção / Claudiomar Antônio Galio, Suelen Padilha Prando, (orgs.). – Joaçaba: Editora Unoesc, 2024. 188 p. : il. ; 23 cm ISBN: 978-85-98084-97-8 ISBN e-book: 978-85-98084-96-1 Inclui bibliografia 1. Ouro, (SC) - História. 2. História eclesiástica. 3. Religiosidade. I. Galio, Claudiomar Antônio... (org.). II. Prando, Suelen Padilha... (org.) CDD 981
------	--

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc

Reitor
Ricardo Antonio De Marco

Vice-reitores de Campi
Campus de Chapecó
Carlos Eduardo Carvalho
Campus de São Miguel do Oeste
Vitor Carlos D'Agostini
Campus de Videira
Carla Fabiana Cazella
Campus de Xanxerê
Genesio Téó

Pró-reitora de Ensino
Jaciney Aparecida Danielli

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação,
Extensão e Inovação
Kurt Schneider

Diretor Executivo
Jarlei Sartori

Conselho Editorial

Tiago de Matia
Sandra Fachineto
Aline Pertile Remor
Lisandra Antunes de Oliveira
Marilda Pasqual Schneider
Claudio Luiz Orço
Ieda Margarete Oro

Silvio Santos Junior
Carlos Luiz Strapazzon
Wilson Antônio Steinmetz
César Milton Baratto
Marconi Januário
Marceli Maccari
Daniele Cristine Beuron



Agradecimento aos entrevistados e suas famílias:

*D*ionizio Delazari e família

*F*ioravante Bevilaqua e família

*S*anto Zambão e família

*A*rmando Galio e família

*C*lemente Moresco e família

*S*anto Penso e família

*G*abriel Penso e família

*L*uiz Bevilaqua e família

*A*ry Galio e família

*E*urides Bevilaqua e família

*O*scar Zambão e família

*C*esar Prando e família

*A*rduino Bevilaqua e família

*E*urides Baretta e família

*C*laudio Bevilaqua e família

*A*delino Moresco e família

*D*orilda Dorigon e família

*S*ergio Moresco e família

*N*ilva Toscam e família

*A*delir Lovatel e família





Dedicatória

Dedicamos este livro:

A comunidade de Nossa Senhora da Saúde, que por meio de seus fundadores e seus descendentes, construíram a história, que por este documento irá ser descrito;

A todos os entrevistados que se disponibilizaram a dar seu apoio para a realização deste trabalho, muitas foram as contribuições, pelos depoimentos, transmitindo fatos históricos, que foram vivenciados ao longo de 110 anos de história e, também, por fatos e histórias que foram contados, pelos nossos pais e avós que, ao longo de muitos anos, mantiveram vivos os fatos relevantes de toda a trajetória da comunidade; e

A todos que contribuíram com informações e registros fotográficos para ilustrar este documento.





Sumário

<i>A</i> gradecimento aos entrevistados e suas famílias:5	<i>F</i> abricação de cachaça35
<i>D</i> edicatória.....7	<i>F</i> abricação de açúcar mascavo37
<i>A</i> presentação.....11	<i>F</i> abricação de sabão.....38
<i>H</i> istória12	<i>F</i> abricação de farinha39
<i>O</i> encontro milagroso da imagem12	<i>E</i> ventos festivos47
<i>F</i> esta de Nossa Senhora da Saúde13	<i>F</i> otos e Histórias das Famílias Fundadoras48
<i>O</i> ração a Nossa Senhora da Saúde13	<i>F</i> amília José Galio.....49
<i>P</i> ara manter a chama da fé acesa14	<i>F</i> amília de Santo Penso53
<i>I</i> nício da vida cristã na comunidade19	<i>F</i> amília Fontana.....58
<i>O</i> porquê do nome da comunidade24	<i>F</i> amília de Gerolamo Lovatel.....59
<i>A</i> chegada do sino e da imagem da Nossa Senhora da Saúde.....25	<i>F</i> amília de Isandro Bonadiman.....65
<i>A</i> Primeira Empresa da Comunidade.....27	<i>F</i> amília de João Desanti66
<i>N</i> ovas formas de trabalho.....29	<i>F</i> amília de Ettore Sanguanini67
<i>F</i> abricação de erva-mate.....31	<i>F</i> amília de Francesco Zambão72
	<i>F</i> amília Delazari76



F amília de Antonio Bevilaqua	80	B ispos Diocesanos	136
F amília Jose Moresco	85	F reis Capuchinhos.....	138
V estimentas e costumes típicos da época	87	C lube Esportivo e Recreativo Noroeste...	150
M udança de Local da Sede da Comunidade	88	F esta do Centenário da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde	163
I magens de Santos da Igreja.....	92	M ensagem do Bispo Diocesano Dom Mario Márquez	175
I nício da Escola de Nossa Senhora da Saúde.....	94	M ensagem do Pároco Frei Justino Felix Stolf.....	179
A ltar da Igreja	105	M ensagem do Organizador do Livro Claudiomar Antonio Galio	181
I nauguração da Igreja Atual	111	M ensagem do Conselho Administrativo da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde.....	183
M obral.....	114	S obre o Organizador	187
G rupos de 4S.....	116		
C hegada de energia elétrica na Comunidade de Nossa Senhora da Saúde	117		
F reis Missionários Capuchinhos	119		
C onselho Administrativo	126		
M inistros da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde	129		
V isita do Bispo Diocesano	134		



Apresentação

Este documento contém a história de convivência e de fé à Nossa Senhora da Saúde que, com muita dedicação e ajuda mútua, deu origem a comunidade, no ano de 1914, por imigrantes da Serra Gaúcha, principalmente da cidade de Antônio Prado e Monte Negro, situada no Rio Grande do Sul. Esses foram otimistas por uma nova vida com mais oportunidades para prosperar.

Nos primeiros tempos, os recém-chegados encontraram áreas que precisavam ser desbravadas, pois tudo era executado de forma braçal, mas perseveraram com muita força de vontade e esforço físico coletivo. Os mesmos encontraram força e motivação para seguir em frente, por meio da fé cristã muito fervorosa, nos serões com as famílias vizinhas, principalmente, para a reza do terço e, posteriormente, com muita conversa, regada com um bom chimarrão ou um copo de vinho.

Impulsionados pela sede de manter a chama de fé acesa, e com as famílias numerosas em filhos que precisavam ser doutrinados nos caminhos da fé e dos bons costumes, foi que estes primeiros imigrantes, elegeram um pedaço de chão para se reunirem em orações e terem um ponto de encontro comunitário.

Esperamos que todos gostem deste trabalho, e que pelos vários testemunhos, de dedicação e esforço dos fundadores desta comunidade, este livro se torne instrumento de renovação da fé.



História

O século XVI foi muito triste para a Europa, com muitas doenças e a grande peste, conhecida como «a peste negra». Ela assolou todo o continente, principalmente, Portugal. O ano de 1569 foi o pior de todos. Os hospitais estavam lotados, não havia onde colocar tantos doentes, muitas pessoas morreram. O Rei de Portugal, Dom Sebastião, sem mais recursos, pediu ajuda até para a Espanha, para mandar médicos e remédios para o socorro.

O encontro milagroso da imagem

O povo de Portugal, em desespero, organizou várias missas, orações e procissões com a imagem de Nossa Senhora durante vários meses. Perto da igreja da cidade de Sacavém, os coveiros tiveram que abrir muitas covas para enterrar as milhares de pessoas que haviam morrido por causa da peste. E aconteceu que, ao abrirem uma das covas, acharam uma pequena imagem de Nossa Senhora. Todos viram o fato como um milagre e começaram a rezar e a fazer procissões, pedindo o fim da peste. No ano seguinte, as mortes foram diminuindo até cessarem.



Festa de Nossa Senhora da Saúde

A população, então, escolheu o dia 20 de abril para comemorar o fim da grande peste, e com uma grande procissão, escolheram o nome de “Nossa Senhora da Saúde”, para agradecer a ajuda de Maria Santíssima. A partir do ano de 1570, em todos os anos é comemorado o dia da Santa, que acabou com a peste em Portugal. Essa devoção, então, se expandiu para a Espanha e por toda a Europa, e Nossa Senhora é lembrada e venerada com este nome, há quase 450 anos.

Oração a Nossa Senhora da Saúde¹

“À vossa proteção recorremos, ó Santa Mãe de Deus, consoladora dos aflitos e saúde dos enfermos. Não desprezeis nossas súplicas em nossas necessidades, e livrai-nos sempre de todos os perigos, e das doenças, ó Virgem Gloriosa e Bendita. Senhora nossa, Medianeira nossa, Advogada nossa, com vosso Filho, reconciliai-nos, a vosso Filho recomendai-nos, a vosso Filho apresentai-nos. Virgem Puríssima, que sois a Saúde dos Enfermos, o Refúgio dos Pecadores, a Consoladora dos Aflitos e a distribuidora de todas as graças, na minha fraqueza e no meu desânimo apelo hoje, para os tesouros da vossa divina, misericórdia e bondade, e atrevo-me a chamar-vos pelo doce nome de Mãe. Sim, ó Mãe, atendei-me em minha enfermidade, dai-me a saúde do corpo para que possa cumprir os meus deveres com ânimo e alegria e, com a mesma disposição, sirva a vosso Filho Jesus e agradeça a vós, Saúde dos Enfermos. Nossa Senhora da Saúde, rogai por nós. Amém”.

1 Fonte das páginas anteriores: Pia Sociedade Filhas de São Paulo Paulinas. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br> e <https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/nossa-senhora-da-saude>



Para manter a chama da fé acesa

Essa foi a grande devoção: “manter a chama da fé acesa”, que os imigrantes de italianos, que tinham se pré-estabelecido no Rio Grande do Sul, nas regiões de Antônio Prado e de Monte Negro, se fixaram, com a motivação de fartura das novas terras e impulsionados pela notícia da chegada da estrada de ferro. Essa estrada foi idealizada pelo engenheiro João Teixeira Soares em 1887, projeto que ligava Itararé/SP a Santa Maria/RS, em um trajeto de 1.403 km.

Em 1908, o empreendedor norte-americano Percival Farquhar, por meio de sua *holding Brazil Railway Company*, adquiriu o controle da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul. No dia 18 de maio de 1910, os trilhos chegaram à estação do distrito do Rio Capinzal, situado no km 317 da referida rodovia. A inauguração ocorreu no dia 20 de outubro de 1910, e a primeira viagem, entre União da Vitória/PR e Marcelino Ramos/RS, aconteceu no dia 17 de dezembro de 1910.

A esperança foi o que motivou as famílias a se encorajarem e partirem para terras desconhecidas,

juntamente com esposas e filhos. Estes, na maioria das vezes, eram muito pequenos ou até mesmo recém-nascidos, mas a vontade de vencer na vida fez com que, após vários dias de viagem com a mudança sobre carroças, enfrentando chuvas e o sol, chegassem à tão sonhada terra da fartura, entre os anos de 1906 e 1910.

Chegaram ao município de Ouro, que havia sido fundado recentemente, no ano de 1906, como 4º Distrito de Palmas, no Paraná. Com a Guerra do Contestado (1912-1916) e até sua emancipação política, em 23 de janeiro de 1963, o povoado esteve subordinado às administrações dos municípios de Abelardo Luz, Cruzeiro (atual Joaçaba), Campos Novos e Capinzal (considerada coirmã).

Aos poucos, esses imigrantes foram comprando pequenas levas de terra, em meio à mata densa, onde só havia algumas picadas, consideradas como caminhos abertos de forma braçal pelos próprios colonizadores. Derrubaram as primeiras árvores, para a construção do paiol



local, que tinha dupla finalidade: a primeira era abrigar a família e os animais usados no trabalho, como cavalos, bois, mulas, vacas para obtenção do leite, bem como galinhas e porcos para obtenção da carne. A segunda finalidade servia como depósito para armazenar as primeiras colheitas.

As madeiras utilizadas na construção eram retiradas do terreno da propriedade, pois havia diversidade e qualidade nas florestas nativas. As principais espécies incluíam angico, canela-amarela, cedro, cabreúva, araucárias, ipê-roxo e amarelo, guajuvira, canjerana, tarumã e açoita.

Tendo passado alguns anos e superadas as primeiras dificuldades de estruturação familiar, outras necessidades surgiram, como o já bem conhecido costume dos descendentes, de uma boa roda de chimarrão e de fazer filó nos vizinhos mais próximos. Esses encontros ocorriam, principalmente, nos finais de semana, nos meses em que o trabalho na lavoura diminuía de intensidade, e durante os dias da semana, após o jantar, a conversa transcorria até altas horas da noite. Os homens discutiam assuntos voltados ao trabalho diário, troca de conhecimentos sobre cultivos e manejo dos animais. Essas conversas

eram regadas com muita história, vinho, cachaça de alambique, jogos de baralho e morra. Já as mulheres conversavam, faziam artesanatos com tranças de palha de trigo e milho, e não podia faltar mate doce, dos mais variados sabores, como folha de cidreira, folha de laranjeira, funcho e leite.

Uma das grandes características das famílias daquela época era terem, em média, de 9 a 14 filhos por casal, mesmo em um período de grande escassez de recursos e sem nenhum tipo de tecnologia. As famílias numerosas representavam mais braços para o trabalho do dia a dia, principalmente, nas atividades agrícolas.

Normalmente, era comum que o filho homem, na grande maioria das vezes o mais velho, assumisse a administração das terras na ausência dos pais, além de liderar os trabalhos na roça e cuidar dos animais. Já as filhas mulheres tinham a responsabilidade de ajudar as mães nas tarefas domésticas e no cuidado com os irmãos mais novos.

A forte devoção do povo de origem italiana se manifestava mesmo na ausência de freis, com as famílias se reunindo em suas casas, para rezar o terço e fazer novenas. Com o passar dos dias



e anos, todos compartilhavam o compromisso sagrado de ter um lugar para realizar suas celebrações. Foi nesses encontros que os laços de amizade foram fortalecidos entre as famílias de Ozório Delazari, José Moresco, Francesco Zambão, Antônio Bevilaqua, Ettore Sanguanini, José Galio, Gerônimo Lovatel, Bepi Fontana e Santo Penso. Dessa forma, a ajuda mútua entre os moradores foi facilitada, desbravando as terras que deram origem à comunidade de Nossa Senhora da Saúde, em 1914.

Por volta da década de 1920, a comunidade começou a realizar melhorias nas estradas, com o auxílio de arados puxados por bois e cavalos, além do uso de picaretas, enxadas, pás e outras ferramentas necessárias para a execução do trabalho. Todo o esforço era feito em forma de mutirão entre os vizinhos, especialmente nos acessos principais, que começaram a ser mais adequadamente estruturados, com o alargamento dos caminhos. Assim, as antigas trilhas, que só permitiam o trânsito de cavaleiros, foram transformadas em estradas que possibilitavam a passagem de carroças, facilitando o escoamento da produção.

Somente em 27 de janeiro de 1927 foi criada a Diocese de Lages, tendo como primeiro Bispo Diocesano Dom Daniel Hostin. Com a criação da Diocese e as dificuldades de atendimento pelos freis da paróquia de Lages, devido à dificuldade de acesso, surgiu a necessidade de criar uma paróquia em Capinzal. José Zortea, uma pessoa muito influente na época, enviou correspondência a amigos, igualmente influentes e residentes na Itália, solicitando a destinação de um padre para o distrito de Capinzal.

Decorridos alguns meses, José Zortea recebeu a resposta à sua carta, informando que o sacerdote solicitado já estava a caminho do Brasil, viajando de navio, e que chegaria a São Paulo em uma data específica. Zortea deveria se deslocar até lá para receber o sacerdote. Por meio da ferrovia, o Sr. José Zortea viajou para o referido endereço. Chegando lá, ele se encontrou com o Padre Pedro Pelosi, e conversando com o Padre Mathias Michelizza, este se colocou à disposição para atuar em Capinzal, caso fosse necessário.

Após chegar em Rio Capinzal, o Padre Pelosi iniciou seus trabalhos pastorais e a organização da vida religiosa e espiritual da comunidade,



mobilizando os moradores para a criação de uma Paróquia na região.

Diante da grande quantidade de trabalho, o Padre Pelosi decidiu enviar uma carta para São Paulo ao Padre Mathias Michelizza, convidando-o a auxiliar nos trabalhos pastorais. Prontamente, o Padre Mathias se deslocou para Capinzal. Inicialmente, os Padres Mathias Miquelizza e Pedro Pelosi viveram em cômodos cedidos na residência de José Zortéa, onde também faziam suas refeições. Com o incansável trabalho dos dois, a Paróquia de São Paulo Apóstolo foi criada em 25 de janeiro de 1931, nos precisos termos do decreto descrito a seguir:

Decreto

“De Dom Frei Daniel Hostin, O.F.M. – Bispo de Lages – Estado de Santa Catarina, erigindo a Paróquia de São Paulo Apóstolo de Rio Capinzal”.

“Aos que de provisão virem, saudação, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo. Pelo presente Decreto, atendendo ao maior proveito espiritual de uma porção de nosso

amado rebanho, depois de ouvir o parecer dos Consultores diocesanos, havendo por bem, usado a nossa jurisdição ordinária, criar uma paróquia em território das freguesias de São João Batista de Campos Novos, e de Santa Terezinha do Menino Jesus do Cruzeiro do sul, a qual denominara Paróquia de São Paulo Apóstolo do Rio Capinzal. Separamos, pois, e desmembramos das referidas freguesias de São João Batista de Campos Novos, e de Santa Teresinha do Menino Jesus, parte de seus Territórios, transferindo-a para a nova paróquia, a qual canonicamente erigimos instituímos, dando-lhe por limites os seus atuais limites civis dos distritos do Rio Capinzal e de Ouro. Limitada assim a Nova Paróquia, submetemos a jurisdição e aos cuidados espirituais do sacerdote a quem nos aprouver confiar a sua regência, e dos que canonicamente lhes sucederem no cargo, todos os habitantes de seu território, aos quais mandamos que reconheçam o dito sacerdote, pelo seu legítimo pároco, e que, tanto para ele começar a construção da igreja, contribuam religiosamente com os emolumentos, oblações e benesses, que respectivamente sejam devidas por escrito, leis e costumes legítimos nesta Diocese. Erigimos a



igreja matriz da nova Paróquia, a Capela de São Paulo Apóstolo, sita na sede do distrito de Rio Capinzal, a qual assim elevada, para a ter todas as negativas e privilégios que competem as igrejas matrizes, pelo que possuir um sacrário, onde se conserve com a devida decência, culto e profunda reverência, o precioso tesouro, do Santíssimo Sacramentada Eucaristia, alumiado de dia e à noite, de acordo com as denominações canônicas; terá pia batismal fixa, com tudo o que se exige para a administração solene do sacramento do batismo; e para tudo o que se exige e necessário a uma igreja Matriz, regulamentações da província. Mandamos que seja criado o Arquivo da Nova Paróquia, possuindo o mesmo todos os livros paroquiais. Mandamos também que a festa de São Paulo Apóstolo, titular da nova paróquia, seja celebrada todos os anos, com sua devida solenidade, e com verdadeiro espírito de devoção. Considerando-as circunstâncias peculiares desta Diocese de acordo com o Canon 454, § 3º do Direito Canônico, declaramos amovível, esta nova Paróquia. Aos Reverendos. Párocos das Freguesias que forem desmembrados as partes do território que formam a paróquia criada, para a sua ciência

e de seus paroquianos, seja remetida um deste decreto, o qual mandamos que seja lido pelo reverendo pároco por nós, for primeiro nomeado, na igreja Matriz, transcrito e integrado no livro do tombo e devidamente arquivado. Dado e passado Episcopal Cidade de Lages, sob o Sinal e Selo de janeiro de 1931.

Daniel – Bispo de Lages

E eu, Pe. Mathias Miquelizza, Vigário de Rio Capinzal, o Transcrevi.



Início da vida cristã na comunidade

Com a doação de um terreno pelo Santo Penso, em um local estratégico e centralizado para os primeiros moradores, a comunidade construiu a primeira igreja em formato de mutirão, utilizando materiais doados pelos próprios moradores. A igreja, ainda sem um padroeiro definido, tinha como objetivo manter a fé viva, promovendo a oração do terço aos domingos e em todos os dias considerados Santos.

Junto com a construção desta primeira igreja, foi construído um cemitério, uma pequena cobertura que abrigava uma cancha de bocha e um espaço com mesas para jogos de baralho e morra. As primeiras bebidas comercializadas nesses locais eram produzidas pelos próprios moradores, como vinho, cachaça e graspa.



Figura 2 – Catequizandos da comunidade no ano de 1941



Figura 3 – Catequista Zulmira e seus catequizandos da comunidade 1961



Na foto acima, de 1961, a catequista Zulmira Barreta está com seus catequizandos: Vitor Delazarina (fila do meio, da esquerda para direita), Vita Penso, Adelina Sanguanini, Teresinha Brol; e na primeira fila, Maria Lovatel e Ana Zambão Dall Orsoletta.

Figura 4 – Foto da igreja de madeira da comunidade com a torre do sino ao lado, e à frente membros da comunidade





A Figura 4 retrata a primeira igreja, cuja data de construção não é confirmada. No entanto, segundo depoimentos, acredita-se que ela tenha sido erguida por volta de 1930, conforme relato dos avós de alguns dos moradores.

Nesta época, a comunidade já estava estruturada, como podemos ver na fachada das fotos acima, com a igreja construída em madeira. Havia um pequeno pavilhão para os encontros comemorativos, além da torre do sino, cuja replica ainda está em pleno funcionamento até os dias de hoje. Ao lado da igreja, havia também um cemitério, no qual eram sepultados, os falecidos naquele período.

E assim, esta comunidade foi dando os seus primeiros passos, inicialmente com iniciativas próprias, principalmente culturais, herdadas de seus antecessores. Posteriormente, com a estruturação da ordem dos frades capuchinhos na região e com a fundação da paróquia do Rio Capinzal, que se desmembrou da Diocese de Lages e da paróquia de Campos Novos, a comunidade se fortaleceu ainda mais.

Nos primeiros tempos, os moradores recebiam de forma muito irregular a visita dos freis,

devido às inúmeras dificuldades de deslocamento. Os sacerdotes mais próximos estavam sediados na cidade, atualmente denominada de Lajes, a aproximadamente 280 km de distância, e posteriormente na cidade de Campos Novos. Esse trajeto era sem estradas ou qualquer outro meio de comunicação, com sua área coberta de mata virgem e povoado por animais selvagens, tornando os caminhos perigosos. Apenas alguns cavaleiros mais experientes e obstinados se encorajavam a percorrê-los.



O porquê do nome da comunidade

A comunidade de Nossa Senhora da Saúde recebeu esse nome, devido à forte devoção que os primeiros imigrantes tinham por Nossa Senhora, especialmente diante da precariedade da época, que tornava difícil manter-se longe das enfermidades e doenças. Quando as pessoas adoeciam, contavam apenas com as ervas e extratos de plantas, para obterem a cura, por meio de infusões e chás.

Além disso, era para Nossa senhora da Saúde, a quem as orações e novenas eram direcionadas, pedindo sua intercessão pela cura dos males. Foi com esse fervor que a fé e devoção a Maria foram crescendo entre todos os membros das famílias.



A chegada do sino e da imagem da Nossa Senhora da Saúde

A imagem de Nossa Senhora da Saúde foi trazida pelo padre Mathias, no ano de 1931. Junto com a chegada da imagem, foi instalada a primeira torre do sino, este trazido da Europa no mesmo ano (consta gravado na sua estrutura, o ano de 1926, ano de fabricação). Outras duas unidades foram trazidas: uma instalada no oratório de Nossa Senhora do Caravaggio e a outra na Matriz São Paulo Apóstolo. Esses sinos continuam em atividade, mesmo após o incêndio ocorrido na igreja matriz.

O sino sempre teve grande importância para todas as comunidades cristãs, pois ele não apenas anuncia as celebrações, mas em tempos que não havia rádio ou qualquer outro tipo de telecomunicação, ele também era responsável por comunicar os acontecimentos da comunidade, como o falecimento de algum membro ou até mesmo anunciar as horas. Por muito tempo, as horas eram marcadas pelas badaladas do sino às 6 horas, às 11 horas e às 18 horas, servindo como orientação para os trabalhadores, que estavam empenhados nos trabalhos da lavoura.



Figura 5 – Torre do sino da igreja



A réplica desta torre original, na comunidade de Nossa Senhora da Saúde, é preservada até os dias atuais. Várias reformas foram realizadas, mas a arquitetura permanece a mesma. O sino é considerado uma raridade, devido ao seu som ser de fácil propagação, podendo ser ouvido, até mesmo, pelas comunidades vizinhas.



A Primeira Empresa da Comunidade

A primeira empresa constituída na comunidade de Nossa Senhora da Saúde foi um moinho construído por Santo Penso.

Conforme o letreiro visível na fachada da construção, datado de 1927, ali eram processadas a farinha de milho, a farinha de trigo e realizado o descasque de arroz. O local também servia como hospedaria para viajantes e tropeiros que se deslocavam, movimentando a economia da época.

O estabelecimento era tido como referência, pois muitas famílias, tanto da comunidade quanto das comunidades próximas, se dirigiam a ele, frequentemente, para levar suas “moagens” – produtos para serem beneficiados e transformados em farinha ou descascados, como o arroz. Esses itens eram a base da alimentação de todas as famílias.



Figura 6 – Primeira empresa construída na comunidade – Moinho





Novas formas de trabalho

Com a chegada de novos moradores à recém-constituída comunidade, observou-se uma crescente diversificação das atividades econômicas nos núcleos familiares recém-formados. Com o surgimento de carpinteiros, abriu-se caminho para o desenvolvimento de pequenas indústrias, como serrarias, carpintarias, moinhos, produção de cachaça de vinho, fabricação de erva-mate, entre outras.

Figura 7 – Construção de ponte na comunidade



A figura 7 retrata o trabalho em formato de mutirão, onde vários membros da comunidade se reuniram para reerguer uma ponte de tronco de angico. De acordo com depoimentos, a ponte tinha 18



metros de comprimento e o tronco foi trazido das proximidades da comunidade Coxilha Seca até as proximidades de onde estava instalada a comunidade, na divisa com as terras do Sr. Osorio Delazari.

O tronco foi carregado por mais de 30 homens por uma distância aproximada de 900 metros. Após muitos anos, uma grande enchente levou o pontilhão até próximo às terras da família de José Galio, como podemos observar pela casa ao fundo.

Esse registro fotográfico mostra o momento em que o tronco foi instalado, novamente utilizando a força de muitos homens, assim como ocorreu na instalação no primeiro local.

A ponte, inicialmente feita sobre troncos e, posteriormente, com uma estrutura construída sobre dois cabos de aço, era o único meio de travessia sobre os rios e córregos que cortam toda a nossa região. Essa ponte era utilizada somente por pessoas; os animais e as carroças atravessavam à água em locais conhecidos como “passos”.

Figura 8 –Construção de ponte pinguela na comunidade



A imagem acima é uma ponte (pinguela) feita de cabos de aço e madeira, que existia sobre o rio Leãozinho, próximo a propriedade de Ary Galio.



Fabricação de erva-mate

Um dos costumes trazidos pelos imigrantes era o hábito de consumir chimarrão. Pela manhã, logo após acordar, enquanto aguardavam o dia clarear, para iniciar as atividades diárias, muitos tomavam chimarrão. Outros tinham o costume de consumi-lo logo após o almoço, e alguns ainda no final da tarde. Até os dias atuais, quando uma visita chega à casa de um descendente de italianos, a chaleira de água quente está ao lado do fogão e a cuia sempre preparada. O chimarrão é oferecido em sinal de cordialidade.

Outra característica das famílias italianas é o encontro ao redor do fogão a lenha, sempre cercado por pratos típicos da culinária italiana, preparados pelos imigrantes. Esses costumes foram preservados e são utilizados para servir toda a família. Podemos destacar como símbolos dessa herança gastronômica a polenta mole e “brustolada”, feita com farinha produzida em moinho de pedra, a galinha caipira ao molho, o queijo colonial, os salames, além de muitos tipos de massa, como nhoque, tagliatelle, e a tão conhecida sopa de brodo, principalmente nos dias mais frios.

Essa colonização é conhecida por sempre oferecer aos visitantes uma mesa farta, com muitas receitas de bolos, bolachas e grostoli. Não podia faltar o pão assado no forno de barro e um bom copo de vinho colonial. Para os paladares mais apurados, sempre havia espaço para um “trago” de graspa, feita da fermentação e destilação do bagaço da uva, e um martelo de cachaça envelhecida em barril de grápia ou carvalho.



Figura 9 – Fabricação da erva-mate



Uma das tradições que a família Bevilaqua realizava, com muito entusiasmo, era reunir toda a família e os vizinhos para a fabricação da própria erva-mate. Na foto, podemos observar, sentado à frente, o Sr. Espedito Bevilaqua, e atrás os senhores Santo Bevilaqua, Valerio Bevilaqua, Arduino Bevilaqua, Caetano Bevilaqua, Armando Galio e Clovis Bevilaqua.



Na fabricação da erva-mate, normalmente os vizinhos mais próximos costumavam se auxiliar mutuamente, tornando o momento festivo. A atividade durava, normalmente, dois dias, ocorrendo geralmente nos meses de junho e julho, com intervalo de dois a três anos para que os brotos da erva-mate atingissem a consistência necessária para ressaltar o aroma e o sabor.

No primeiro dia, a erva-mate era colhida e passava por um processo de pré-sapeco e classificação, em que apenas as folhas e os ramos finos, com a espessura de um lápis, eram mantidos. Posteriormente, amarrados em pequenos fardos, eram levadas para o “carijó” (uma estrutura construída com madeira verde para evitar que queimasse durante o processo de secagem). Os fardos eram colocados com os ramos voltados para baixo e as folhas para cima, de modo a dificultar que uma brasa pudesse provocar um incêndio durante a secagem. Esse processo começava no final da tarde e se estendia até o início da madrugada. Durante esse período, a vizinhança, ao cair da tarde, reunia-se no local, e de forma muito descontraída, conversavam, comiam pipoca, batata-doce e outros pratos típicos. Não podiam faltar o chimarrão e o mate doce para as crianças, além de um bom vinho e uma boa cachaça de alambique que, como diziam as pessoas da época, era para evitar pegar um resfriado, já que este filó acontecia ao relento.

No dia seguinte, o processo de fabricação continuava com a erva-mate sendo cancheada. Esse processo consistia em quebrar os ramos e as folhas em pedaços menores, normalmente feito sobre um pano grande, conhecido como lona. A lona era estendida sobre um terreno plano, onde eram colocados os ramos já dessecados. Com o uso de um manguá (equipamento feito com duas madeiras, presas entre si por uma corda ou pedaço de couro curtido), as pessoas seguravam uma das partes com a mão, enquanto a outra parte batia sobre os ramos para triturá-los, como podemos observar na figura a seguir:



Figura 10 – Cancheada na propriedade de Ary Galio



Posteriormente, as folhas e ramos triturados eram levados para um grande tronco de madeira escavado no centro. Nesse espaço, os ramos e folhas eram socados com pilão (uma espécie de marreta construída em madeira, com uma das extremidades em formato de triângulo e a outra arredondada), sendo ambos os lados utilizados ao longo do processo de fabricação.



Fabricação de cachaça

*N*a propriedade de Dionizio Delazari, está em funcionamento um alambique para a produção de cachaça, um costume trazido pelos imigrantes que vieram da região do Rio Grande do Sul. O processo consistia em espremer a cana-de-açúcar em um engenho, que atualmente é movido por um motor elétrico, mas que no passado era construído de pedra ou madeira e operado por tração animal, com movimentos circulares.

Figura 11 – Processo de fabricação de cachaça



Com a cana-de-açúcar espremida, obtém-se um suco conhecido como garapa, que é então levada para tanques, para que ocorra a fermentação.

Figura 12 – Processo de fermentação e destilação



Após a fermentação, o líquido é levado para o alambique para que ocorra, por meio do aquecimento, a destilação da garapa fermentada. O vapor resultante da fervura da garapa fermentada passa por uma serpentina, ocorrendo a condensação, transformando-se em cachaça.



Fabricação de açúcar mascavo

A fabricação do açúcar mascavo era uma prática comum entre todas as famílias dos imigrantes.

Figura 13 – Engenho de cana-de-açúcar com tração animal



A cana-de-açúcar era prensada em um engenho, construído em madeira e composto por três grandes peças cilíndricas, construídas de pedra e até mesmo de madeira. A parte central fornecia a tração para que os outros dois prensados a ele também girassem e espremessem a cana-de-açúcar, extraindo um líquido conhecido como garapa. Esse líquido, após passar por um processo de fervura, se transformava em melado e, posteriormente, em açúcar mascavo, rapadura e o tão apreciado puxa-puxa, que atraía todos para ficarem próximos ao tacho de cozimento, sempre acompanhados de uma cuia de chimarrão.

Fabricação de sabão

A foto abaixo retrata um dos costumes muito presentes nos imigrantes: a fabricação do próprio sabão para o uso geral, como limpeza de roupa e utensílios domésticos. Esse produto era feito a partir de gordura animal ou de carne de animais que, por algum motivo, não pudessem ser destinadas ao consumo humano.

Figura 14 – Fabricação de sabão



As pessoas que constam na foto são, Ozorio Delazari, Frederico Barreta, Inês Brol e Vilma Delazari.



Fabricação de farinha

A roda d'água era a única forma de movimentar moinhos e serrarias da época. A água era desviada por meio de canais escavados no solo ou, onde necessário, eram construídos com estruturas de pedra ou madeira, para que a água pudesse passar de forma elevada nos declives. No final desse canal, uma grande roda de madeira era movimentada pela força da água.

Figura 15 – Roda D'água





Com o movimento da roda d'água, um conjunto de engrenagens de madeira era acionado, gerando a velocidade necessária, por meio da combinação de correias e polias de vários tamanhos, para o funcionamento dos equipamentos.

Figura 16 – Conjuntos de engrenagens



Outro empreendimento que podemos destacar é o moinho da família de Antônio Toscan. Em 1959, ele adquiriu o moinho que pertencia a Santo Penso e que, na época, estava sob a posse de seu filho, Marcos Fortunato Penso. Antônio instalou a estrutura em sua propriedade, e Clementino Toscan (filho

de Antônio Toscan) e sua esposa, Maria Murraro Toscan, administraram o moinho por muitos anos. Posteriormente, em meados dos anos 70, eles passaram a gestão do moinho para seu filho, Luiz Toscan, e sua esposa Nilva Facin Toscan. Até o momento em que realizamos a entrevista, Nilva ainda continua a administrar as atividades do moinho. Este moinho está em atividade há mais de 75 anos, fornecendo farinha para toda a região de Ouro, Capinzal e municípios vizinhos.



Figura 17 – Nilva Toscan, embalando farinha





Figura 18 – Moinho da família Toscan



Nessa foto, podemos observar a ponte sobre o rio Leãozinho, que ligava várias comunidades do interior à sede do município.



Figura 19 – Moinho e o capitel de São Judas Tadeu



O capitel de São Judas Tadeu, que estava instalado em um trevo em frente ao moinho Toscan, era um ponto de muita devoção e fé. Muitas procissões aconteciam nesse local, principalmente em momentos de estiagem, quando todas as famílias da região se reuniam para rezar, pedindo a Deus chuva para o desenvolvimento das plantações e para os animais que sofriam por falta de água para beber.



Figura 20 – Estrada de ligação para as comunidades do interior ao lado do Moinho da família Toscan



A estrada ao fundo do registro fotográfico, que passa em frente ao moinho Toscan, seguia em direção à sede da comunidade de Nossa Senhora da Saúde, e às comunidades de Novo Porto Alegre, Linha Leãozinho, Linha Vitória, Serra Alta e Distrito de Santa Lúcia.



Figura 21 – Ponte sob o rio Leãozinho



Na foto, vemos a antiga ponte sobre o rio Leãozinho, com Luiz Toscan e Ivo Dambros se divertindo com suas bicicletas. Ao fundo, passando pelo lado do moinho e do capitel, a estrada segue em direção à cidade de Lacerdópolis.



Eventos festivos

Um dos costumes mais marcantes na história de todas as famílias colonizadoras eram os bailes nos “paióis”, principalmente nos intervalos das safras, quando não havia produtos ou mantimentos. Esses espaços, assim como porões e galpões, eram utilizados para a realização de bailes e, até mesmo, pequenas festas, com os mais variados motivos, como comemorar uma boa colheita, dias santos, aniversários e até casamentos.

Independentemente da ocasião, sempre havia algum instrumento que puxava a animação das famílias da comunidade. Predominavam os ritmos gauchescos, como valsa, rancheira, xote, vanerão, entre outros, e o que não poderia faltar era uma boa música lenta. Posteriormente, com o surgimento dos salões nas comunidades, os festejos passaram a ser realizados nesses locais, mas seguindo o mesmo estilo.



Fotos e Histórias das Famílias Fundadoras

*A*s imagens a seguir retratam um pouco das histórias das famílias fundadoras da comunidade de Nossa Senhora da Saúde.



Família José Galio

Figura 22 – Santo Penso, em frente à casa de José Galio, montado em seu cavalo



*J*osé Galio e sua esposa Erminia Biondaro, constituíram família, e desse casal nasceram 10 filhos: Dezolina; Rina; Constante; Rogério; João; Severino; Otilia; Antenisca; Maria; e Vitório.



À medida que os filhos foram crescendo e se casando, muitos se mudaram para diversas regiões, em busca de melhores condições de vida e trabalho. O filho mais novo, Vitório, permaneceu no local. Como exemplificado na foto acima, Vitório casou-se com Luiza Bevilaqua, e eles deram continuidade à sua descendência na mesma comunidade, onde seus descendentes permanecem até hoje.

Figura 23 – Casamento de Vitório Galio e Luiza Bevilaqua Galio e seus convidados



Na foto acima, datada de 1930, está retratado o casamento de Vitório Galio e Luiza Bevilaqua Galio, juntamente com seus convidados.

Vitório Galio nasceu no dia 24 de outubro de 1910, na cidade de Antônio Prado, filho dos imigrantes italianos, José Galio e Ermínia Biondaro Galio, que ao chegarem ao Brasil, se instalaram em Antônio Prado/RS. Ainda criança, Vitório Galio veio com seus pais e irmãos para Santa Catarina, estabelecendo-se na comunidade de Nossa Senhora da Saúde.

Aos 23 anos, casou-se com Luiza Bevilaqua, e juntos tiveram nove filhos. Vitório participou de todas as atividades da comunidade, tanto religiosas quanto sociais. Criou todos os seus filhos nessa comunidade, sendo que seus descendentes permanecem até hoje. Vitório faleceu no dia 7 de maio de 1988, aos 77 anos, e está sepultado no cemitério da referida comunidade.

Figura 24 – Vitório Galio e Luiza Bevilaqua Galio recém-casados



Na Figura 25, a seguir, estão Luiza, seu esposo Vitório e seus filhos, da esquerda para a direita: Irva; Neide; Dircema; Nair; Maria; Dorilda; Armando; Ary; e Darci. Dentre esses filhos, permaneceram na comunidade Ary Galio, que se casou com Mercedes Coelli, e também permaneceram os filhos Darci e Dircema.





Figura 25 – Filhos de Vitório Galio e Luiza Bevilaqua Galio





Família de Santo Penso

Santo Penso nasceu em 25 de abril de 1882, em Cornedo Vicentino, Vicenza, Itália, filho de Marco Penso e Palma Cerato. Casou-se com Judith Betti, filha de Fortunato Betti e Maria Valandro, nascida em 20 de novembro de 1882, na cidade de Montenegro, Rio Grande do Sul, Brasil. O casamento ocorreu na cidade de Barão/RS, em 11 de junho de 1902. Dessa união, nasceram nove filhos: Alexandre; Abel; Marco; Reinaldo; Lauda; Maria; Flora; Amabile; e Fortunato.

Figura 26 – Santo Penso e Judite Penso com familiares





Figura 27 – Santo e Judite Penso com familiares



Figuras 28 – Festa em comemoração a bodas de ouro de Santo e Judite Penso



As Figuras 28 retratam a festa de bodas de ouro de Santo e Judite Penso, realizada em um ambiente diferenciado, sob um parreiral de uvas. O local foi escolhido por ser o único local da época que conseguiria abrigar todos os convidados. Na foto, podemos observar Santo e Judite em frente ao bolo e, ao lado, um religioso que presidiu a celebração, cercados pelos demais convidados.



Figura 29 – Casa em construção de Alexandre Penso





Figura 30 – Alexandre Penso com sua esposa e seus irmãos



Foto tirada na comemoração dos 70 anos de casamento de Alexandre Penso e Amelia Delazari Penso. Alexandre é filho de Santo Penso e aparece na imagem com seus irmãos, Abel, Marco, Reinaldo, Lauda, Maria, Flora, Amabile e Fortunato, da esquerda para a direita.



Figura 31 – Alexandre Penso com sua esposa e seus filhos



Foto tirada na comemoração dos 70 anos de casamento de Alexandre Penso e Amelia Delazari, acompanhados de seus filhos. Da esquerda para a direita estão Santo, Vita, Resontina, Delma, Dorilda, Maria, Vilma, Amabile, Aurora, Inês, Oliva, Gabriel. Desses filhos, permaneceram na comunidade Santo, Gabriel, Aurora e Inês.



Família Fontana

*N*a foto, estão os dois irmãos Bepi Fontana e Jorge Fontana.

Figura 32 – Irmãos Fontana



Não há maiores informações sobre esta família fundadora.



Família de Gerolamo Lovatel

*A*s famílias de Gerolamo e Máximo Lovatel, dois irmãos casados com Maria e Paulina Sartori, que também eram irmãs, já vieram casadas do Rio Grande do Sul, da cidade de Caxias do Sul.

Nessa comunidade, Gerolamo e Maria tiveram sete filhos, e Máximo e Paulina tiveram 10 filhos, sendo que vários deles se casaram na comunidade e seus descendentes permanecem até hoje.

Figura 33 – Gerolamo Lovatel e Maximo Lovatel



Foto de Girolamo Lovatel e Máximo Lovatel, filhos de Tioreto Lovatel e Ângela Olivo Lovatel. Da esquerda para a direita, estão Maria Sartor Lovatel, Gerolamo Lovatel, com seus filhos Belmiro e Inês. Ao lado, Paulina Sartor Lovatel e Máximo Lovatel, com seus filhos Fioreto e Ilda.



Figura 34 – Dona Maria com seus filhos(as), noras e genros



Na foto acima, os filhos de Gerolamo e Maria estão acompanhados de seus genros e noras: Adelina, casada com Belmiro; Agnese, casada com Evaristo; Cecília; Ignes, casada com Paulino; Maria, esposa de Gerolamo; Assunta; Severino, casado com Zenilda; e Tereza, casada com Joaquim.

Figura 35 – Família de Evaristo Lovatel



Essa fotografia é da família do Evaristo e Agnese Poggere Lovatel, com os filhos, Irineu, Ivo, Maristela, Irceu, Roberto, Iracema, Ivonete e Ilce.



Figura 36 – Família Joaquim Lovatel



Família de Joaquim Lovatel. Da esquerda para a direita estão Diva, Difendi, Dorvalino, Amabile, sua esposa Tereza, Margarida, Maria Silvina, Judite e Seveniro.

Figura 37 – Família de Belmiro Lovatel



Família de Belmiro Lovatel. Da esquerda para a direita, estão Terezinha, Adelar, Oscar, Maria, Adelina, Dirce, Belmiro, Nelson, Vilmar e Vitalina.



Figura 38 – Família de Paulino e Igenes Lovatel Sanguanini



Na foto de 1957, o casal Paulino e Igenes Lovatel Sanguanini, filha de Gerolamo Lovatel, com seus filhos. A partir da esquerda, em pé, estão Abel, Adelaide e Alcides. Sentados estão Adelino, Ilda, Igenes com Euclides no colo, Anair, Paulino e Lurdes.

Figura 39 – Família Laurindo Lovatel



Na foto acima, a família de Laurindo Lovatel. Da esquerda para a direita estão Adelir, Ivete, Valdecir, Itacir, Deonilda Dorigon Lovatel, Fatima, Valdir e Laurindo.



Figura 40 – Família Lovatel



Na foto acima, onde aparece um boi muito dócil da família Lovatel, podemos observar Frei Adelino Lovatel e, sobre o boi, as seguintes crianças, de trás para frente: Itacir Lovatel; Valdir Lovatel; Valdecir Lovatel; Adelir Lovatel; Laercio Lovatel (in memoriam) e, aos fundos, Teresa Lovatel.

Figura 41 – Frei Adelino Lovatel



Frei Adelino Lovatel vem de uma família de 10 irmãos, filho de Máximo e Paulina Lovatel. Ele nasceu em 24 de novembro de 1929 em Ouro/SC e foi batizado em 20 de janeiro de 1930. Recebeu a primeira eucaristia em 20 de fevereiro de 1941, na Capela de Nossa Senhora da Saúde, das mãos do Frei Honório de Bassano.

Ingressou no Seminário São Francisco, em Barra Fria, hoje município de Lacerdópolis/SC,



em 02 de fevereiro de 1942, sob a direção de Frei Nereu José Bassi. Recebeu o hábito capuchinho em 15 de janeiro de 1948, adotando o nome de Frei Silvano de Capinzal. Emitiu os votos temporários em 16 de janeiro de 1949, em Butiatuba, e os perpétuos em 02 de fevereiro de 1952, na Igreja das Mercês, em Curitiba. Coursou filosofia e teologia nas Mercês. Foi ordenado diácono em 14 de agosto de 1955 e sacerdote em 04 de dezembro de 1955, também nas Mercês. Celebrou a primeira missa na Capela de Nossa Senhora da Saúde, hoje município de Ouro.

Suas visitas eram sempre alegres, recheadas de boas conversas e conselhos. Visitava os irmãos com entusiasmo, celebrava batizados e casamentos de sobrinhos, irmãos e amigos, e participou de muitos momentos marcantes para nossas famílias.

Residências – como sacerdote capuchinho prestou serviço nas seguintes localidades: Santo Antônio da Platina (1956); Butiatuba (1956-1960); Tomazina (1961-1964); Mandaguaçu (1965); Cruzeiro do Oeste (1966-1975, 1992-1993); Dois Vizinhos – Norte (1976 -1978); Dois Vizinhos – Sul (1979-1985); Céu Azul (1986-1990), Vera

Cruz do Oeste (1991-1993); Paraguai Campo Nueve (1994); Capitão Leônidas Marques (1995-1999); Itapoá (1999-2002, 2008-2011); Curitiba – Casa de Oração (2003-2007); e Curitiba – Mercês (2011-2021).

Atividades – nesses lugares, Frei Adelino atuou como vigário paroquial, vigário local, guardião, ecônomo local e assistente espiritual da OFS. Nos últimos anos, no convento das Mercês, prestou grande ajuda na Pastoral das Bênçãos. Distinguiu-se como um frei sempre disponível, alegre, muito fraterno, comprometido em levar o evangelho, além de ser um trabalhador dedicado. Era assíduo na oração comunitária e nos serviços fraternos. Gostava de animais, de cultivar a horta e confeccionar rosários.

Faleceu no Hospital Nossa Senhora das Graças, na madrugada do dia 11 de janeiro de 2021. Frei Adelino tinha 91 anos, 72 anos de vida religiosa e 65 anos de vida sacerdotal. Foi sepultado no Cemitério da Ressurreição, em Botiatuba/PR.



Família de Isandro Bonadiman

Outra família que aqui começou foi a de Isandro Bonadiman e Inês Paza, que residiram, onde mais tarde seria a propriedade de Belmiro Lovatel. Conta-se que a primeira pessoa a ser sepultada no cemitério, após a sua mudança de local, foi o filho de Isandro e Inês, que faleceu ainda criança.



Família de João Desanti

Outro morador dessa mesma região era João Desanti, casado com Rosa Zambão. Inicialmente, moravam onde mais tarde seria a propriedade de Joaquim Lovatel. João, conforme conta Evaristo, foi o primeiro catequista dele e de seus primos. A catequese era realizada debaixo de um pé de ambú, onde, à sombra, ele ensinava as primeiras orações em italiano.



Família de Ettore Sanguanini

Figura 42 – Ettore Sanguanini e sua esposa Josephina



Ettore Sanguanini e Josephina casaram-se em 23 de outubro de 1909, ela com 24 anos e ele com 27 anos. Ettore nasceu na província de Mantova, Itália, em 1882 e embarcou para o Brasil por volta de 1888, juntamente com sua mãe Antônio e seus irmãos, uma vez que seu pai Francesco, já era falecido. Durante a viagem, a mãe e um dos irmãos morreram de febre espanhola. Ao chegarem em Caxias do Sul, Ettore e seus irmãos ficaram sob os cuidados da irmã mais velha, Romilda.



Em 1908, Ettorre começou a se inquietar com a lentidão do progresso em Mariana Pimentel e arredores, o que o motivou a busca de novas oportunidades. Naquela época, soube da venda de lotes coloniais no sudoeste do Estado de Santa Catarina, uma região beneficiada pelo prolongamento, em fase de conclusão, da ferrovia que vinha de São Paulo e que estava sendo conectada à localidade de Marcelino Ramos, no Estado do Rio Grande do Sul.

Assim, Ettore e Josephina partiram em busca da tão sonhada terra da fartura, juntamente com seus filhos: Ernesto; Raimundo; Armelinda; Marino; e João. Compraram um lote de terra na colônia denominada de Cassianos, no vale do Rio do Peixe, na estação do Rio Capinzal e Ouro, então pertencentes ao município de Campos Novos.

Este lote estava localizado em uma região de vales e montanhas, denominada Nossa Senhora da Saúde. Para chegar ao lote de número 18, não existiam estradas, apenas picadas em meio a muito mato. No início, foi construída uma pequena cabana de chão batido, feita com costaneiras e lascas de madeira cortadas a machado, que servia

de abrigo para proteger a família durante as primeiras safras.

Ettore era um homem de boa índole, que gostava de dedilhar o acordeão nos fins de tarde, quebrando a rotina dos exaustivos dias de trabalho na colônia. O casal nunca retornou ao Rio grande do Sul para rever os parentes. Ettore faleceu de edema pulmonar em maio de 1952, aos 70 anos de idade, e Josephina faleceu em setembro de 1973, aos 88 anos. Ambos estão sepultados no cemitério de Nossa Senhora da Saúde, município de Ouro/SC.

Figura 43 – Família de Ernesto Sanguanini



Foto tirada no dia do casamento de Ernesto Francisco, em 27 de novembro de 1933, na qual

aparece os sete filhos do casal. Da esquerda para a direita, em pé: João Batista; Ermelinda; Marino; Victorio; Maria; Raimundo; e Paulino. Sentados: Ernesto Francisco, e seus pais Ettore e Josephina.

Figura 44 – Família de Paulino



Na foto de 1957, o casal Paulino e Ignes Lovatel Sanguanini aparecem com seus filhos. A partir da esquerda, em pé: Abel, Adelaide e Alcides; sentados: Adelino, Ilda, Ignes (esposa) com Euclides no colo, Anair, Paulino (esposo), filho de Ettore e Lurdes.

Figura 45 – Ignes, Abel e Paulino



Figura 46 – Casa da família



Na casa de madeira de dois andares, erguida pelos filhos após a morte de Ettore, residiam Paulino e sua família no pavimento superior, enquanto Josephina ocupava o andar inferior. A construção ao lado abrigava a cozinha, utilizada por toda a família.





Figura 47 – Família de João Sanguanini



Da esquerda para a direita: Natalina; Antonio; Ana; Albino; Adelina; e Ivo. Na frente, Teresinha, Teodolinda (esposa), João (espos), filho de Ettore, e seu filho José.

Figura 48 – Ir. Natalina Sanguanini filha de João



Ir. Natalina Sanguanini nasceu no dia 20 de fevereiro de 1952, filha de João e Teodolinda Sanguanini. Desde pequena, sempre frequentou a comunidade de Nossa Senhora da Saúde, e foi aos 15 anos, em sua primeira comunhão, que sua vocação foi despertada.

No ano de 1968, ingressou no Juvenato Santa Marcelina, em Iomerê/SC. Lá permaneceu



por dois anos e, seguindo sua formação, foi para o postulado no Rio de Janeiro. Após um ano como postulante, ingressou no noviciado em Botucatu/SP, no ano de 1971, onde fez o primeiro ano para ser noviça. Em 1972, continua sua formação na casa formativa em Perdizes/SP. Aos 21 anos, fez seus primeiros votos de vida consagrada em São Paulo e iniciou sua missão junto às crianças no Pensionato Santa Marcelina, também em São Paulo.

Transcorridos mais cinco anos, em 1978, fez os seus votos perpétuos. No ano de 2024, completou 51 anos de consagração a Deus. Durante esse tempo, esteve a serviço da congregação em várias localidades: Belo Horizonte/MG; Iomerê/SC; Sede/SP; Piraí do Sul/PR; Rio de Janeiro/RJ; Bahia/BA; Brasília/DF; e Cascavel/PR. Atualmente, dedica-se ao cuidado de idosos carentes no abrigo São Vicente de Paulo, onde realiza atendimento espiritual, amparando-os na convivência do dia a dia.

De acordo com seu depoimento, sente-se muito feliz por pertencer à Congregação de Santa Marcelina e por ter iniciado seus primeiros passos na fé, na comunidade de Nossa Senhora da Saúde,

onde afirma ter conhecido Jesus e sentiu o desejo de segui-lo.

Umas das grandes lembranças da infância de Irmã Natalina, e de seus pais juntamente com ela e seus irmãos, era o de ir a pé para a igreja, onde reunidos em comunidade rezavam o terço, junto com outras famílias e, uma vez por mês, participava da celebração da missa na mesma comunidade.

Família de Francesco Zambão

Francesco Zambão, nascido em 1870 na Itália, veio para o Brasil ainda muito jovem, instalando-se na região de Antônio Prado, Rio Grande do Sul, juntamente com seus pais João Zambão e Rosa Ferigotto.

Casou-se com Maria Pacce, natural da Itália, nascida em 1876, que veio para o Brasil ainda criança, com seus pais Luigi Pacce e Julia Dala Possa. Desse casamento, foram gerados 14 filhos: Rosa; João; Josefina; Aniceto; Agnese; Luiz; Trifal; Aldemiro; Barechelli; Palmira; Rampilla; Fental; Marino; Eliza; e Carlota.

Figura 49 – Trifal e Aurora Guerra Zambão





Desses filhos, permanecem na comunidade de Nossa Senhora da Saúde: Trifal (Ino) Zambão, que se casou com Aurora Guerra Zambão. Desse casal nasceram os filhos: Santo Zambão; Angelo Zambão; Oscar Zambão; e Ana Zambão.

Figura 50 – Trifal, seus filhos e amigos



Na foto acima, em pé ao fundo, da esquerda para a direita: Santo Zambão; Trifal Zambão; David Dall Orsoleta; e Carmelino Morosini. Na frente: Angelo Zambão; José Deitos; José Feronatto; e Oscar Zambão.

Aniceto Zambão casou-se com Anilda e tiveram os seguintes filhos: Romualdo; Raul; Rolindo; Reinaldo; Iria; Marica; Santana; e Ana.



Figura 51 – Avelino Deitos e, a cavalo, Marino Zambão



Marino Zambão casou-se com Maria Delazari, e dessa união tiveram quatro filhos: Marina; Mariza; Antonio; e Maristela.

Aldemiro (Biro) Zambão, Josefina (Pina) Zambão e Eliza (Isa) Zambão viveram na comunidade até a data de seus falecimentos, e não tiveram descendentes.



Figura 52 – Palmira Zambão, filha de Francesco Zambão e sua família



Palmira Zambão, filha de Francesco Zambão, casou-se com Atilio Moresco, tiveram dois filhos: Clemente Moresco Sobrinho; e Vitalina Moresco.

Família Delazari

Figura 53 – Família de Ozorio e Jenuário Delazari



*N*a foto acima, em pé, da esquerda para a direita: Erminia Delazari, Ema Delazari Buzelato e Amelia Delazari Penso; sentados: Jenuário Delazari, Luiza Beti Penso (Isa Mãe) e Jorge Delazari.



Figura 54 – Família de Oliva Bevilaqua e Jenuário Delazari



A foto acima retrata a família de Oliva Bevilaqua e Jenuário Delazari, juntamente com seus filhos.



Figura 55 – Imelda Debastiani e Ozorio Delazari



Foto de Imelda Debastiani e Ozorio Delazari, tirada em sua juventude logo após o casamento.

Figura 56 – Casa de Ozorio Delazari e Imelda



Casa em que Ozorio Delazari e Imelda (ambos na janela), criaram os seus 10 filhos. Ozorio tinha muitas habilidades, mas a que ele mais se destacou era na carpintaria. Ele era um dos grandes construtores da época, principalmente na construção das casas dos primeiros imigrantes. Em virtude de suas habilidades com a madeira, foi por muitos anos, a pessoa responsável pela construção das urnas para sepultamentos (caixões). A comunidade tinha um espaço com madeiras e, quando acontecia um falecimento, ele e mais alguns membros da comunidade construíam a urna, de acordo com a medida do falecido.

Figura 57 – Imelda e Osorio Delazari com seus filhos



Figura 58 – Ozorio Delazari, Frederico Barreta, Inês Brol e Vilma Delazari fazendo sabão



Nessa foto, podemos visualizar Imelda e Osorio Delazari com seus filhos, da esquerda para a direita: Maria; Vitalino; Aurora; Severino; Odila; Gema; Dionízio; Irene; Alcide; e Ilda. Desses filhos, permaneceram morando na comunidade: Maria; Dionizio; e Severino.



Família de Antonio Bevilaqua

Figura 59 – Antonio Bevilaqua e Maria Lagni Bevilaqua



A foto acima mostra o casal Antonio Bevilaqua com sua esposa, Maria Lagni Bevilaqua. Antonio nasceu em 1º de março de 1874 em Montebello Vicentino, na Itália. Filho de Rosa Zorzini e de Angelo Bevilaqua, Antonio migrou para o Brasil juntamente com seu pai Angelo, após o falecimento de sua mãe, que ocorreu na Itália.

Antonio Bevilaqua casou-se com Maria Lagni, filha de Santo Lanhi e Luigia Castagna. Dessa união, foram gerados seis filhos: Julio Bevilaqua, que se casou com Palma Penso; Rosa Bevilaqua que se casou com Isidoro Primon; Oliva Bevilaqua que se casou com Jenuário Delazari; Jacinto Bevilaqua que se casou com Amábile Grezele; Ida Bevilaqua que se casou com Domingo Bussacro; Fioravante Bevilaqua (morreu acidentalmente com um tiro); Caetano que se casou com Aurélia Debastiani; e Luiza Bevilaqua que se casou com Vitorio Galio.



Antônio faleceu aos 54 anos de idade, acometido por uma apendicite, no dia 26 de fevereiro de 1928. Era um homem muito devoto e sempre pronto para auxiliar a comunidade, principalmente na animação das celebrações, pois, de acordo com informações, ele gostava muito de cantar e tinha um timbre de voz muito marcante.

Dos filhos que Antonio e Maria tiveram, permaneceram na comunidade, Oliva Bevilaqua que se casou com Jenuário Delazari; Jacinto Bevilaqua que se casou com Amábile Grezele; Caetano que se casou com Aurélia; e Luiza Bevilaqua que se casou com Vitorio Galio.

Figura 60 – Januário e Oliva Bevilaqua e seus filhos



Na foto acima, podemos observar Januário e Oliva Bevilaqua, filha de Antônio Bevilaqua, juntamente com seus filhos.



Figura 61 – Filhos de Vitorio Galio e Luiza Bevilaqua Galio



Na foto acima, Luiza Bevilaqua, filha de Antônio Bevilaqua, aparece com seu esposo, Vitorio Galio, e seus filhos. Da esquerda para a direita: Irva; Neide; Dircema; Nair; Maria; Dorilda; Armando; Ary; e Darci.

Desses filhos, permaneceram na comunidade: Ary Galio que se casou com Mercedes Coelli e, também, os filhos Darci e Dircema.



Figura 62 – Família de Jacinto Bevilaqua



A foto acima retrata a família de Jacinto Bevilaqua, filho de Antônio Bevilaqua. Ao fundo, da esquerda para a direita: Joao Luiz; Maria; Teresinha; e Espedito. No centro: Desolina; Amábile (esposa); Inês Zelinda; Jacinto (esposo); e Santo. À frente: Alcides; Fiorenço; Valerio; e Clovis.



Figura 63 – Aurélia e Caetano Bevilaqua, filho de Antônio Bevilaqua



Figura 64 – Casa de Caetano e Aurélia Bevilaqua



Figura 65 – Família de Gaetano e Aurélia



Na foto acima, está toda a família de Gaetano e Aurélia. O registro fotográfico foi realizado no casamento de Celeste Lovatel com Ermelinda, filha do casal. Da esquerda para a direita: Fioravante; Lucia; Idalina; Aurélia (mãe); Ermelinda; Celeste (genro); Caetano (pai); Claudio; Arduino; e Eurides.



Família Jose Moresco

Jose Moresco nasceu em 1880, na cidade de Vicenza, Itália. Veio para o Brasil aos quatro anos de idade com seus pais, Gotardo Moresco e Lucia Comona, e se instalaram na região de Nova Prata/RS. Jose Moresco casou-se aos 28 anos de idade, aqui no Brasil, com Palmira Daghetti, de 27 anos, filha de Agostinho Dachetti e de Maria Lanzi.

Figura 66 – José e Palmira Daghetti Moresco



Desse casamento, Jose Moresco e Palmira Daghetti tiveram 11 filhos: Gotardo; Augusto; Fernando; Atilio; Clemente; Vitorio; Maria; Rosa; Lúcia; Catarina; e Matilde.

Figura 67 – Passaporte que Gottardo Moresco



Passaporte que Gottardo Moresco, pai de Jose Moresco, recebido do Ministério de Relações Exteriores da Itália, autorizando sua vinda para o Brasil, juntamente com seus filhos.



Vestimentas e costumes típicos da época

Figura 68 – Vestimentas e costumes típicos da época



Foto do ano de 1935, retrata os costumes típicos daquela época, principalmente o da cultura gaúcha, como o uso de bombacha, bota de couro, gravata no pescoço, e o uso de armas, que era permitido para porte e uso.



Mudança de Local da Sede da Comunidade

Em 1947, devido à mudança da rodovia de Joaçaba para Ouro, bem como a estrada que liga o centro de Ouro ao seu interior, passando pelo atual distrito de Santa Lucia, a sede da comunidade de Nossa Senhora da Saúde também foi transferida de endereço, para esse local, onde permanece até hoje.

O assunto gerou muitos questionamentos entre os membros da comunidade na época. A decisão foi tomada em meio a opiniões variadas: algumas famílias defenderam a necessidade da mudança de endereço, enquanto outras estavam indecisas com essa nova realidade. Não era apenas uma mudança de endereço, mas sim, toda uma história ficaria para traz. Naquele período, a comunidade já estava instalada há mais de 30 anos, e o número de famílias cresceu, especialmente com a chegada de novas famílias, também imigrantes, como os filhos das mesmas iam se casando e se desmembrando e formando novas famílias. Estima-se que, nesse período, mais de 40 famílias residiam na comunidade.

De acordo com as entrevistas realizadas, os entrevistados relataram que ouviam seus pais comentarem sobre o assunto e, mesmo após todo esse tempo, ainda se recordam, embora as lembranças sendo um pouco vagas sobre o assunto. Conforme esses relatos, foram aproximadamente quatro anos de conversa, até que, em consenso, a decisão fosse tomada. Dessa forma, os preparativos para a mudança começaram a ser realizados, como a definição de um novo local, doação do terreno e o preparo dele para receber as construções.

As construções foram transferidas e réplicas das existentes no local de origem foram reconstruídas. Toda a mão de obra foi realizada em formato de mutirão, e a transferência foi feita com o auxílio de carroças para o transporte. As peças mais delicadas, como imagens de santos e outros instrumentos celebrativos, foram transferidas manualmente, carregadas nos braços dos moradores até as novas instalações da comunidade, onde cada membro utilizava suas habilidades para trabalhar com madeira e



os materiais disponíveis na época. No entanto, o que mais angustiava as famílias era a transferência dos entes queridos sepultados no cemitério, que teriam que ser transferidos para o novo local. Muitos restos mortais foram escavados e removidos para o novo cemitério, mas outros, devido à ausência dos restos mortais, permaneciam no local de origem. Além disso, alguns corpos permaneceram ali sepultados para a eternidade, pois seus familiares imigrantes já haviam se mudado para outras regiões.

Figura 69 – Comunidade de Nossa Senhora da Saúde



A foto acima é um registro fotográfico do ano de 1950 e retrata a estrutura da comunidade de Nossa Senhora da Saúde, naquela época. A igreja e a torre do sino já reconstruídos, e com a madeira



da antiga bodega foi construída a escola da comunidade. Na parte inferior, foi construído um pavilhão com estrutura de bar (bodega).

Figura 70 – Parte da igreja e estrutura do sino da comunidade



A igreja foi reconstruída agora em madeira beneficiada, com parede dupla, mas mantendo a mesma arquitetura, uma réplica da que existia no antigo local. A torre do sino, também uma réplica da torre original, foi erguida em um terreno doado por Januário Delazari, Alcides Brol, Alexandre Penso e Ozorio Delazari.



Figura 71 – Primeira comunhão em 1968



Nessa foto de 1968, é retratada a primeira comunhão, tendo como catequista Adelina Sanguanini, Iria Zambão, Jango Bonato e padre Tito. Os catequizando, em pé, da esquerda para a direita: Alzira Moresco; Deoclides Coeli; Santo Brol; Teresinha Bonato; Generino Moresco; Eurides Bevilaqua; e Ermelinda Bevilaqua. À frente, da esquerda para a direita: Inês Zelinda Bevilaqua; Vitalina Moresco; Dircema Galio; Antônio Zambão; Sergio Moresco; Sergio Bonato; e Ilce Bevilaqua.



Imagens de Santos da Igreja

*A*s imagens dos Santos e Santas que estão na igreja de Nossa Senhora da Saúde foram doadas por:

- Santo Antônio – doador: Francisco Zambão;
- São João – doador: João Sanguanini;
- Cristo Crucificado na Cruz – doador: Arduino Bonamigo;
- Nossa Senhora da Saúde – doador: Padre Mathias Michelizza, que adquiriu a imagem, paga pela comunidade;
- Nossa Senhora da Salette – doador: Judite Penso;
- São José – doador: Gerônimo Lovatel; e
- Imagem do Cristo Morto – Paulina Sartor Lovatel.



Figura 72 – Última celebração feita na igreja de madeira



A Figura 72, de 1972, registra a última celebração realizada na igreja de madeira, inaugurada em 1950. Após esse registro fotográfico, a igreja foi desmanchada para dar lugar à construção da igreja atual.



Início da Escola de Nossa Senhora da Saúde

No manuscrito a seguir, datado de fevereiro de 1950, desta comunidade, descreve-se a solicitação dos pais, que neste ato, foram representados pelos senhores Alexandre Tomazoni Sobrinho, Jorge Delazari, Januário Delazari, Máximo Lovatel, Alexandre Penso, Vitorio Galio e Jacinto Bevilaqua. Eles requisitaram ao Secretário de Educação de Capinzal, ao Prefeito Sr. Silvio Santos e ao Vereador da época, Sr. Edgar Lancine, que na comunidade de Nossa Senhora da Saúde, fosse construído um núcleo escolar, e fosse designado um professor para lecionar na referida escola. No documento, podemos observar as seguintes justificativas: “Está situada a 5 km da sede, os alunos desta seção vinham já há longos anos frequentando as aulas da seção de Leãozinho, na distância de mais de 3 km desta. Estrada esta, que percorrida pelos alunos os aborrecia muito, pois as vezes tinham que fazer faltas, devido ao mau tempo, ou então, sair assim debaixo de chuva e sem recurso nas aulas, ou percorrer 5 ou 6 km até suas casas sob os ardentes raios de sol”.

Figura 73 – Documento solicitando o funcionamento adequado da escola com professor





A solicitação foi prontamente atendida pelas autoridades, e o professor Jose Botari foi designado como professor da rede estadual. A escola começou a funcionar, inicialmente, no salão da mesma comunidade, com a compra dos primeiros bancos escolares, com recursos dos pais, adquiridos das Irmãs de Capinzal. O documento abaixo, do ano de 1951, exemplifica como era essa contribuição familiar.

Figura 74 – Documento que explica a contribuição de cada família

Lista de contribuições da Escola
Comunidade Nossa Senhora da Saúde - 1951

1. Jorge Botari	100 cruzeiros
2. José Botari	100 cruzeiros
3. Maria Botari	100 cruzeiros
4. Jacinto Botari	100 cruzeiros
5. Mariana Botari	100 cruzeiros
6. Aldeir Botari	100 cruzeiros
7. Aldeir Botari	100 cruzeiros
Total 7 famílias	700 cruzeiros
 <i>Pais = 25 famílias</i>	
1. Carlos Botari	100 cruzeiros
2. Aldeir Botari	100 cruzeiros
3. Aldeir Botari	100 cruzeiros
4. Mariana Botari	100 cruzeiros
5. Aldeir Botari	100 cruzeiros

Consta, também neste documento, que aos 14 dias do mês de abril daquele ano, foi realizada uma festa para beneficiar o prédio escolar. Os lucros líquidos dessa festa foram de CR\$ 1.600,00 (um mil e seiscentos cruzeiros), e com esse recurso foi feito o envidraçamento da escola. Foi mencionado, ainda, que no prédio faltavam a pintura e o forro.

O documento relata ainda que, nesse primeiro ano, houve a matrícula de 40 alunos, que frequentaram a escola com muito entusiasmo. Também foi mencionado que, nas provas finais, 18 alunos foram aprovados.



Figura 75 – Ata de constituição do conselho dos pais e mestre



Na ata datada de 10 de dezembro de 1950, consta que os pais dos alunos da escola estadual Nossa Senhora da Saúde, localizada no distrito de Ouro, município de Capinzal, se reuniram na igreja da comunidade com o objetivo de fundarem o conselho de pais e mestre. A finalidade do conselho era fortalecer a união entre

pais e professor, além de definir medidas para o bem-estar das crianças e o bom funcionamento da escola. Esse conselho ficaria subordinado ao departamento de educação da época.

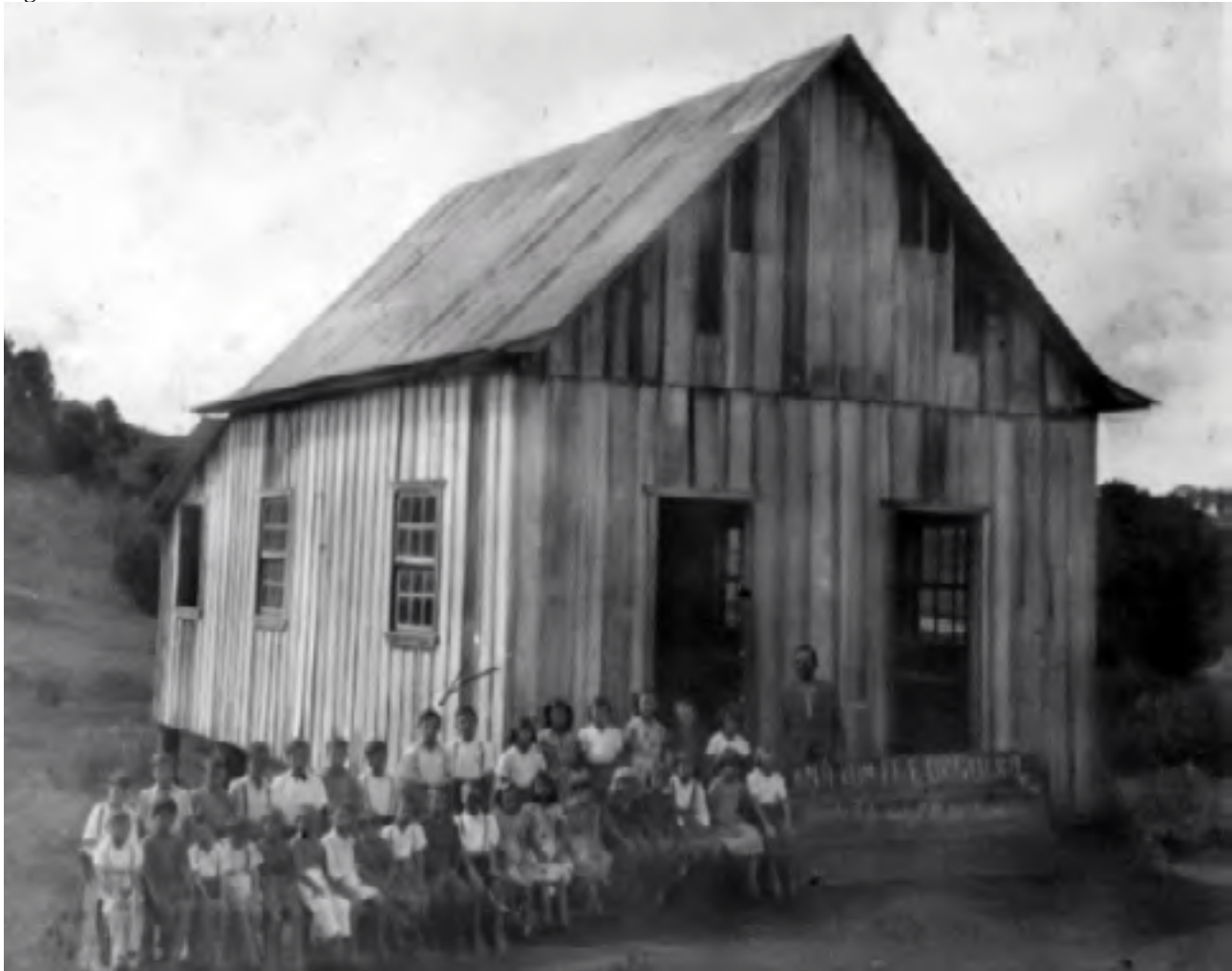
Ficou definido que todos os pais dos alunos e o professor da escola seriam sócios do educandário, sendo facultativa a contribuição escolar.

Foi realizada uma eleição para o conselho, e foram eleitos os seguintes membros:

- Presidente: Alexandre Tomazoni;
- Secretário: Jose Botari (professor);
- Tesoureiro: Januário Delazari;
- 1º Fiscal: Jorge Delazari; e
- 2º Fiscal: Máximo Lovatel.



Figura 76 – Primeira escola construída na comunidade



Essa foto, do ano de 1950, ilustra a imagem da primeira escola construída na comunidade. Para a construção da escola, foi utilizada a madeira do primeiro pavilhão, que havia sido desmanchado no



antigo local e reconstruído no novo, devido à necessidade de um espaço físico para uma sala de aula. Isso se fez necessário em função do grande número de crianças que precisavam ser alfabetizadas, e a escola mais próxima ficava a cerca de três quilômetros da sede da comunidade.

Com esse objetivo, a construção foi edificada com dois andares. No andar superior, havia uma grande sala de aula, onde os alunos do 1º ao 4º ano, totalizando 40 alunos matriculados no primeiro ano, estudavam juntos. Eles sentavam em carteiras (conjunto de mesa e banco acoplados) e utilizavam o mesmo quadro negro, que era usado pelo professor para lecionar as aulas. Inicialmente, a forma de escrever era com penas e um tinteiro e, posteriormente, com lápis. De acordo com relatos, os cadernos utilizados eram três: o caderno de linguagem; o de fazer contas; e o de caligrafia.

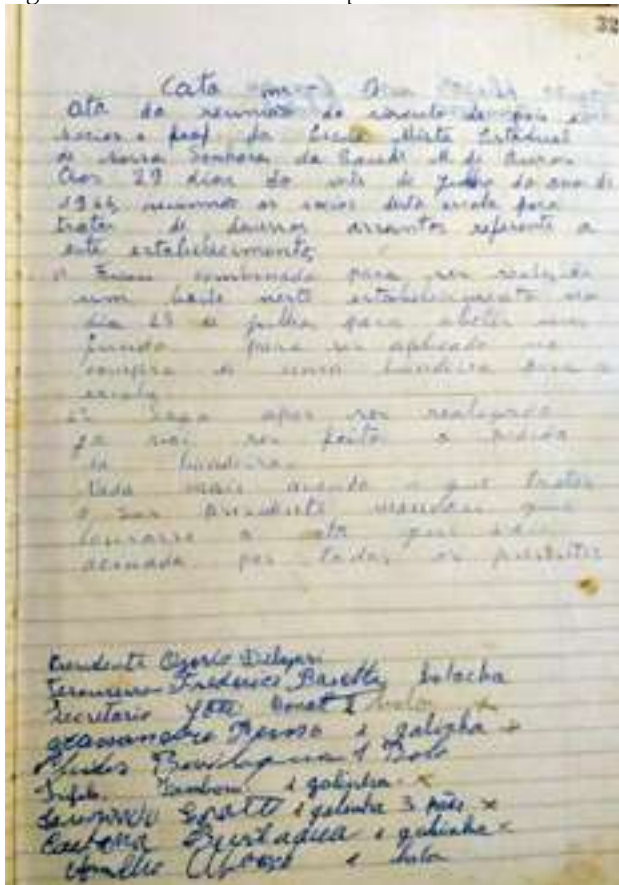
A Escola Estadual Isolada de Nossa Senhora da Saúde foi fundada em 29 de março de 1950, tendo como primeiro professor o Sr. José Botari. O professor residia próximo, onde hoje está situada a comunidade de Novo Porto Alegre. Inicialmente se deslocava a pé e, posteriormente, adquiriu

uma bicicleta para se locomover de sua casa até a escola, em uma distância de, aproximadamente, 3 km. A bicicleta tornou-se uma atração para os alunos, pois foi uma grande inovação na época, e deixava todos os alunos fascinados, pelo tal meio de locomoção sobre duas rodas. O Sr. José Botari lecionou nessa escola até 1954. No ano de 1955 e 1956, o professor foi o Sr. Gabriel Delazari; nos anos de 1956 e 1957, o Sr. Andre Bernardes Damaceno; 1957 e 1958, o Sr. Guerino Riquetti; e de 1958 a 1972, o Sr. Jango Bonato.

No ano de 1959, uma nova escola foi construída, tendo em vista a necessidade de se ter um espaço para além da sala de aula, e que oferecesse, também, um espaço para que o professor e sua família pudessem residir, em tempo integral, enquanto estivesse lecionando na referida escola. Jango Bonato foi o primeiro professor a residir e lecionar nessa escola.

Uma nova escola foi construída em 1966, ainda sob o comando do professor Jango Bonato. Embora funcionasse em um formato parecido ao anterior, dessa vez, o professor não moraria no mesmo prédio da escola, mas sim, em uma casa próxima, separando os dois ambientes.

Figura 77 – Ata de reunião de pais de 1966



Na ata acima, da reunião dos pais, realizada no dia 29 de junho de 1966, foi descrita a necessidade de se comprar uma bandeira para a inauguração da terceira escola. Com esse objetivo,

definiu-se pela realização de um baile para arrecadar fundos, com a escolha da 1ª Rainha, bem como da 2ª e da 3ª Princesas da escola. Esse baile foi realizado no dia 23 de julho de 1966. No mesmo documento, também podemos observar a lista de algumas doações feitas por vários pais de alunos.

A foto a seguir (Figura 78) retrata a inauguração da nova escola, com a bandeira adquirida com os recursos do baile e hasteada ao fundo da imagem. A nova escola estava situada em frente à atual igreja que era toda construída em madeira, com uma arquitetura moderna para a época. Possuía amplas janelas de vidro, que proporcionavam um ambiente mais agradável para os estudos. A escola contava com uma única sala de aula, na qual abrigava todos os alunos juntos, nas quatro séries do Ensino Fundamental.





Figura 78 – Inauguração da nova escola





Figura 79 – Rainha da Escola Lair Lovatel, filha de Aquilino Lovatel, em frente a escola recém-inaugurada



A Figura 79 mostra a terceira escola, no dia da inauguração, com a Rainha eleita no baile para arrecadação de fundos para a compra da bandeira. Essa escola foi construída na atual sede da comunidade.

Na Figura 80, as rainhas da escola, à frente, Clair Barreta (3ª Rainha), Lair Lovatel (1ª Rainha) e Teresinha Brol (2ª Rainha). Ao fundo, da esquerda para a direita: Elide Zambão; Aquilino Lovatel; Romualdo Zambão; Santo Lovatel; Zelinda Bevilaqua; e Dr. Malisca.

Figura 80 – Rainhas da escola





No ano de 1972, um novo professor chegou à comunidade, o Sr. Antônio Cordeiro dos Santos. Ele morou em uma casa que pertencia ao Estado e era próxima à escola. O professor lecionou de 1972 até 1983.

Em 1982, o Prefeito Ivo Luiz Bazzo, por meio de convênio com a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, determinou a construção de uma escola em alvenaria. A escola seria erguida em um terreno com área de 2.600 m², conforme consta na escritura pública de doação, com matrícula no Registro de Imóveis sob o número 11.078, na folha 193, do livro nº 3F, no cartório de Capinzal. A nova construção, em alvenaria, teria dimensões de 6,30 x 18,40 metros perfazendo uma área total construída de 78,72 m², atendendo às necessidades do momento. Essa nova construção substituiria o antigo prédio de madeira, que já não oferecia as condições ideais para o perfeito atendimento. A escola em alvenaria foi nominada, a partir da sua inauguração em 1982, como Escola Isolada Santo Penso, conforme Lei nº 486, de 4 de novembro de 1982.

Figura 81 – Alvará de funcionamento da escola

Nome da Escola	Escola Isolada Nossa Senhora Saúde	Valor	29-04-083
Localidade	Nossa Senhora Saúde	Comunidade	Durg
Tipologia	Outra	Finalidade	SC
Decreto de Criação	062	Ano de Criação	29-03-50
Município	Alvaredia	Ano de Construção	1982
Área Construída	78,72 m ²	Área para Construção	2000 m ²
Proprietário	Estado	Nº de Cotas de Hora	01
Nº de Matrícula	02	Assinatura Direta	Não está ligada
Instância Matrícula	Regulador	Ano da Última Matrícula	
Nº do Terreno	11.078	Livro Nº	03
Folha Nº	193	Folha Nº	154 + 197
C. G. C.	03612766/0001-25	Assinatura do A. T. P.	14
L.		Fl.	31-25-06-78

O alvará de funcionamento da nova escola confirma as informações relatadas acima, como ano de início da construção da atual escola, e a data de criação da primeira escola, como sendo em 29 de março de 1950.



Figura 82 – Inauguração da escola em 1981



A foto acima mostra a inauguração que ocorreu em 1981, durante o mandato do Prefeito Ivo Luiz Bazzo. Ao fundo, à esquerda, podemos observar a imagem da escola anterior, intitulada como a terceira escola, que permanece até os dias atuais, sendo utilizada como sala de reuniões.



Na foto (Figura 82), da esquerda para a direita, podemos observar: Ary Floriano Galio representante da APP da escola; ao lado, Manoel do Lago Almeida e sua coordenadora, representante da Regional de Educação; o Prefeito Ivo Luiz Bazzo; a Secretária de Educação Celita Colombo; o professor Antônio Cordeiro dos Santos, e ao lado, sua esposa Maria. À frente, da esquerda para a direita, estão os alunos Gilberto Pituco, Claudiomar Antônio Galio, Adilson Zambão, Sidnei Penso, Rivelino Zambão, Ivanir Cordeiro dos Santos, Janete Bevilaqua e Rosane Cordeiro dos Santos.

Na escola atual, o professor Antônio Cordeiro dos Santos lecionou até o ano de 1983. De 1984 a 1988, foi a professora Rosane Casara quem assumiu as aulas. No ano de 1988, a professora Nelsi Paiz lecionou e, em 1989, foi a professora Elenita Beretta que conduziu o ano letivo. No ano de 1990, a professora Iliana Coeli assumiu a função. De 1991 a 1992, a professora Denise Sartori esteve à frente da educação na escola, e de 1993 a 1995, a professora Maria Salete Bonamigo.

A partir de 1995, os alunos do Ensino Fundamental começaram a ser encaminhados por meio do transporte escolar, para as escolas na sede do município. Essa mudança ocorreu devido ao baixo número de alunos das escolas do interior, objetivando um ensino de melhor qualidade, onde os alunos estudariam separados por série, em vez de estudarem no formato de sala multidisciplinar.



Altar da Igreja

Várias foram as estruturas do altar da igreja. A sequência de imagens, a seguir, retrata as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Figura 83 – Altar da igreja de madeira



Na primeira foto acima, estão Amelia Delazari Penso, Amelia Brol Rech, Sonia Baretta e Sonia Penso. Ao fundo, podemos observar o altar, todo construído em madeira esculpida. Na segunda foto, estão Fioravante Bevilaqua e Osmar Delazari em sua primeira comunhão, retratando o altar de madeira existente na igreja construída, também, em madeira. E na terceira foto, em preto e branco, Deonísio Delazari e Denílson Zambão, em sua primeira comunhão, onde podemos observar a arquitetura do altar em madeira.



Figura 84 – Altar da igreja de alvenaria



O registro fotográfico acima retrata um altar em um formato quadrado, situado no centro da parte frontal da igreja, sobre o qual se encontra apenas a mesa da celebração. Na foto, podemos observar a primeira comunhão de Tania Zambão, Marilene Moresco, Maristela Zambão, José Zambão, Frei Vitorino Prando, Roberto Moresco, e as catequistas Marlene Delazari e Liamar Baretta.



Figura 85 – Novo altar da igreja de alvenaria



Na foto acima, datada de 1987, retrata a restauração do altar na comunidade de Nossa Senhora da Saúde. Nela, aparecem os casais Luiz Toscan e Nilva Faccin Toscan, e Fioravante Bevilaqua e Salete Faccin Bevilaqua, que fizeram parte do Conselho Administrativo da comunidade na época.



Figura 86 – Reforma do altar da igreja



A foto acima retrata o altar após uma reforma, com alterações no formato de piso. O sacrário, embora ainda localizado no fundo do altar, foi reformado em um novo formato, construído em madeira e sobreposto à parede. Na foto, da esquerda para a direita, estão Tania Bevilaqua, Elena Bevilaqua, Frei Vitorino Prando e, em seguida, duas irmãs religiosas.

À frente estão Paulo Junior Becker, Cícero Prando, Wagener Beltrame Pivoto, Paulo Eduardo Zambão, Ana Paula Cesar, Jessica Teodoro da Silva, Maitê Cristina Baretta e Jessica Pricila longini.



Figura 87 – Equipe de cantos no novo altar



A equipe de cantos que anima as celebrações na comunidade de Nossa Senhora da Saúde sempre foi muito ativa, participando de todas as celebrações realizadas na comunidade. A foto acima marca o início do uso de violões, conduzindo a harmonia dos cantos por meio do dedilhamento de notas instrumentais. Nessa foto, podemos ver os seguintes personagens como violeiros: Cesar Prando; e Alexandre Penso. Da esquerda para a direita, estão: o coroinha Cícero Prando; Ian Bevilaqua; Fioravante Bevilaqua; Teresinha Prando; Nilva Toscan; Salete Bevilaqua; Vilma Delazari; Inês Moresco; João Luiz Bevilaqua; e João Sanguanini.



Durante todos esses anos de existência da comunidade, muitas pessoas colocaram seus talentos, para a animação das celebrações comunitárias. Podemos destacar o Sr. Antônio Bevilaqua, um dos fundadores da comunidade. De acordo com depoimento de familiares, ele possuía um grande talento vocal e gostava muito de entoar os cantos, principalmente, nas Vias Sacras.

Durante esses 110 anos, muitas pessoas foram e continuam se colocando a serviço da evangelização, animando as celebrações, seja na equipe de cantos ou na liturgia.



Inauguração da Igreja Atual

A inauguração da atual igreja foi realizada em novembro de 1976, com a festa da padroeira Nossa Senhora da Saúde. Na mesma ocasião, também, ocorreu a posse dos primeiros ministros da eucaristia da comunidade, os senhores: Santo Zambon; e Romualdo Zambon.

Figura 88 – Inauguração da igreja atual em 1976





De acordo com a ata da época, datada de 19 de dezembro de 1976, foi realizada a inauguração da atual igreja, com um lucro obtido da festa de Cr\$ 8.400,00 cruzeiros. A ata também descreve que os padrinhos de inauguração foram Maria Sartori Lovatel, Joaquim Lovatel e Frederico Beretta.

A construção do novo prédio da igreja teve um custo aproximado de Cr\$ 70.000,00 cruzeiros, que foram captados por meio de doações dos moradores e o lucro das festas realizadas.

Figura 89 – Ata da festa de inauguração da igreja

Ata nº 2
 Aos 13 dias do mês de dezembro de 1976, a capela de
 Senhora da Saúde, em sua paróquia de festa realizou a
 de inauguração em cuja ocasião os seguintes:
 1º) Lucro total da festa rendeu líquido de Cr\$ 8.400,00.
 2º) Como padrinhos Maria Sartori Lovatel, Joaquim
 Lovatel e Frederico Beretta, seguidos de outros menes.
 3º) E a capela nesta época estava com dívida de Cr\$
 7.000,00.
 4º) E nesta festa foi impossado os ministros da eucaristia
 os senhores, Santo Zambão e Romualdo Zambon.
 5º) E os gastos de construção do prédio da capela ficou
 em torno de Cr\$ 70.000,00.
 Não havendo nada mais a tratar foi encerrada
 a presente ata que depois de lida e aprovada vai ser
 assinada pela diretoria e alguns sócios
 em 13 de dezembro de 1976.
 Vice-Presidentes: Santo Zambão
 Secretário: Evaristo Lovatel
 Conselho: Fioravante Berilagua
 Tesoureiro: Mrs. Dorian Galio
 Sócios: Antônio C. dos Santos
 Vitoria Galio
 Dionizio Belazari



Figura 90 – Corte da fita na inauguração da atual igreja



A foto acima mostra o corte da fita de inauguração da igreja, com os padrinhos Joaquim Lovatel, Frederico Baretta e Maria Sartor Lovatel.

A ata da festa de inauguração da atual igreja, datada de 1976, registra o valor gasto na construção, no ano de inauguração, os membros da diretoria que estavam empossados, os padrinhos da inauguração e, também, a posse dos primeiros ministros da eucaristia da comunidade.



Mobral

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) foi instituído no Brasil em 15 de dezembro de 1967, durante o governo de Costa e Silva. No entanto, foi em meados de 1971 que as primeiras turmas foram formadas, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos em todo o território brasileiro. Vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, o Mobral era o órgão executor do plano de alfabetização e educação de adolescentes e adultos, cujo principal objetivo era promover uma alfabetização funcional e contínua para os analfabetos de 15 anos ou mais, com cursos especiais e duração de nove meses.

Na comunidade de Nossa Senhora da Saúde tivemos uma turma em 1972, coordenada pelo professor local Jose Cordeiro dos Santos, que foi responsável por lecionar as aulas a 25 jovens e adultos, todos moradores da comunidade.



Figura 91 – Turma de Mobral da comunidade



Na foto acima, da direita para a esquerda, entre os homens: Santo Zambão; Santo Bevilaqua; Irva Galio; Gabriel Penso; Clemente Moresco; Romualdo Zambão; Oscar Zambão; Luiz Toscam; Fioravante Bevilaqua; Luiz Bevilaqua; e Adelar Lovatel. Entre as mulheres, à frente: Inês Toscam; Vilma Barreta Delazari; Idalina Bevilaqua; Neide Galio; Inês Zelinda Bevilaqua; Ermelinda Bevilaqua; Amelia Brol; Maria; Iria Zambão; Dosolina Bevilaqua; Celeste Lovatel; Dorvalino Lovatel; Ilceu Lovatel; Prof. Antônio Cordeiro dos Santos; e Belmiro Lovatel.



Grupos de 4S

A Acaresc, Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina, criada nos anos 50, além de oferecer serviços de assessoria e de extensão aos agricultores, desenvolveu um programa de educação do jovem rural, conhecido como Clubes 4S, inspirado nos Clubes 4H dos Estados Unidos.

Os Clubes 4S, que significam Saber, Sentir, Servir e Saúde, congregavam jovens, rapazes e moças de 10 a 18 anos do meio rural. Além de realizarem projetos semelhantes aos desenvolvidos pelos adultos, os jovens participavam em mutirões e projetos coletivos, como a construção de campos de futebol, a sinalização de estradas e o cultivo de hortas. Reuniam-se regularmente, praticando o correto ritual de um ambiente democrático, com disciplina intransigente, responsabilidade, civismo, ética e patriotismo.

Um dos projetos da área social dos Clubes 4S que despertava grande interesse entre as moças era o de corte e costura. Elas aprendiam a confeccionar saias, blusas, aventais e outras peças de vestuário, além de utilizarem máquinas de costura modernas para a época.

A Extensão Rural dedicou especial atenção ao trabalho com a juventude rural, por meio da organização dos Clubes 4S. Os jovens, moças e rapazes de 12 a 18 anos, executavam projetos individuais e coletivos nas áreas de agricultura, pecuária e economia doméstica. Eles aprendiam o exercício da democracia, o valor da disciplina, do trabalho e o patriotismo.



Chegada de energia elétrica na Comunidade de Nossa Senhora da Saúde

Figura 92 – Pessoas que instalaram a rede elétrica na comunidade





A Figura 92, datada de 1977, retrata alguns membros da comunidade de Nossa Senhora da Saúde e a equipe de funcionários de uma empresa que realizou a instalação das redes elétricas em toda a comunidade. Este evento foi considerado um marco divisor, pois a chegada da energia elétrica mudou, completamente, a maneira como as famílias viviam, principalmente com a possibilidade de adquirir geladeiras, o primeiro eletrodoméstico que muitas famílias adquiriram. Na área de produção, a eletrificação também propiciou muitos avanços para as famílias, principalmente com a possibilidade do uso de motores elétricos, substituindo, os anteriores, a gasolina.



Freis Missionários Capuchinhos

*N*a comunidade de Nossa Senhora da Saúde, a partir de 1970, foram realizadas seis etapas das missões com os freis missionários capuchinhos. A seguir, estão as fotos dos freis que visitaram a comunidade.

Figura 93 – Freis missionários 1970



Chegada em 15 de maio de 1970 e saída em 21 de maio de 1970. Frei Gaspar que pregou missão na comunidade.



Figura 94 – Freis missionários 1978



Chegada em 24 de fevereiro de 1978 e saída em 31 de março de 1978. Frei Honorato que pregou missão na comunidade.



Figura 95 – Freis missionários 1987



Chegada em 06 de março de 1987 e saída em 12 de março de 1987. Frei Darci Roberto Cata Festa, que pregou missão na comunidade. Da esquerda para a direita, estão Frei Darci Cata Festa, Ângelo Valentini, Benedito Felix da Rocha, Hermelindo Damiao, Jose Quaresma Neto, Manoel Braz da Silva Noite e Luís Carlos da Silva Corsini.



Figura 96 – Freis missionários 1997



Nas missões de 1997, o frei missionário que pregou missão na comunidade foi Nelson Camello. Em pé, da esquerda para a direita, estão Frei Carlos Alberto David, Nelson Jose Camello, Antonio Aparecido de Lima, Inocencio Rossa. Sentados estão Valdir Possamai, Geraldo Carbonera, Vladimir da Silva Cachator, Carlos Cesar de Almeida.



Figura 97 – Freis missionários 2005



As missões que se iniciaram em 15 abril de 2005, da esquerda para a direita estão Frei Silvio Ferreira, Frei Euclides Alves da Silva, Frei Cácio Roberto Petekov, Frei Jose Ferreira da Silva, Frei Valdir Possamai e Frei Adelmo Pavides Anastacio.



Figura 98 – Encerramento das missões na comunidade



A foto acima retrata o encerramento das missões na comunidade de Nossa Senhora da Saúde, em 15 de março de 2005, com toda a comunidade em frente à igreja se despedindo do frei missionário.



Figura 99 – Freis missionários 2015



Equipe de missionários dos Freis Capuchinhos do Paraná e Santa Catarina. Freis missionários, da esquerda para a direita: Frei Pedro Brondani; Frei Carlos Gerber; Frei João Henrique Santana; Frei João Paulo da Silva Candido (frei que esteve na comunidade); Frei Daniel Heinze Sobrinho; e Frei Roque da Silva.

Conselho Administrativo



atual)

1970 (iniciaram a construção da igreja

- Oscar Zambão / Antoninha L. Zambão;
- Valerio Bevilaqua / Graciema M. Bevilaqua;
- Joquin Lovatel / Teresa Lovatel;
- Paulo Sanguanini / Ignes L. Sanguanini.

1975 (concluíram a construção da igreja)

- Ari Galio / Mercedes C. Galio;
- Santo Zambão/ Dorilda B. Zambão;
- Evaristo Lovatel / Agnese Lovatel;
- Fioravante Bevilaqua / Salete F. Bevilaqua.

1978

- Luiz Toscan / Nilva F. Toscan;
- Paulo Sanguanini / Ignes L. Sanguanini;
- João Luiz Bevilaqua / Ivone Bevilaqua;
- Celeste Lovatel.

1982

- Dorvalino Possamai / Teresinha A. Possamai;
- Gabriel Penso / Norma B. Penso;
- Oscar Zambão / Antoninha L. Zambão;
- Osmar Delazari / Marilene M. Delazari.

1985

- Ari Galio / Mercedes C. Galio;
- Clovis Bevilaqua / Zelinda B. Bevilaqua;
- Sergio Moresco / Cleusa C. Moresco;
- Eurides Bevilaqua / Neide B. Bevilaqua.

1987

- Fioravante Bevilaqua / Salete F. Bevilaqua;
- Luiz Toscam / Nilva F. Toscan;
- Eurides Baretta / Anita B. Baretta;
- Adelir Lovatel / Neusa B. Lovatel.



1990

- Oscar Zambão / Antoninha L. Zambão;
- Clemente Moresco / Ines C. Moresco;
- Dorvalino Possamai / Teresinha A. Possamai;
- Defendi Lovatel / Rosivani B. Lovatel;
- Cesar Prando / Teresinha S. Prando.

1993

- Ari Galio / Mercedes C. Galio;
- Santo Zambão / Dorilda B. Zambão;
- Claudino Lazaroto / Marizete Lazaroto;
- Irineu Lovatel / Rosilene B. Lovatel.

1996

- Clemente Moresco / Ines C. Moresco;
- Gabriel Penso / Norma B. Penso;
- Osmar Delazari / Marilene M. Delazari;
- Ozair Coeli / Cecilia P. Coeli.

1997

- Fioravante Bevilaqua / Salete F. Bevilaqua;
- Adelir Lovatel / Neusa B. Lovatel;
- Defendi Lovatel / Rosivani B. Lovatel;
- Luiz Toscan / Nilva F. Toscan.

1998

- Defendi Lovatel / Rosivani B. Lovatel;
- Fioravante Bevilaqua / Salete F. Bevilaqua;
- Cesar Prando / Teresinha S. Prando;
- Adelir Lovatel / Neusa B. Lovatel.

2001

- Defendi Lovatel / Rosivani B. Lovatel;
- Fioravante Bevilaqua / Salete F. Bevilaqua;
- Luiz Toscan / Nilva F. Toscan;
- Adelir Lovatel / Neusa B. Lovatel.



2004

- Claudiomar Galio / Claudia T. Galio;
- Cesar Prando / Teresinha S. Prando;
- Irineu Lovatel / Rosilene B. Lovatel;
- Ivo Bevilaqua / Tania Z. Bevilaqua.

2007

- Ivo Rosseti / Dirce Rosseti;
- Eroito Baldaço / Alice Brol;
- Oscar Zambão / Antoninha L. Zambão;
- Luiz Carlos Dondel / Elaine Dondel.

2009

- Eurides Bevilaqua / Neide B. Bevilaqua;
- Gilmar Barreta / Ilce Barreta;
- Sergio Moresco / Cleusa Moresco;
- Adilson Reck / Amelia B. Reck.

2011

- Adelir Lovatel / Neusa B. Lovatel;
- Ivo Bevilaqua / Tania Z. Bevilaqua;
- Zigomar Beltrame / Marlene Beltrame;
- Nilvo Bernardi / Cleci M. Bernardi.

2014

- Cesar Prando / Teresinha S. Prando;
- Luiz Carlos Dondel / Laine B. Dondel;
- Vanderlei Penso / Rosa B. Penso;
- Claudiomar Galio / Claudia T. Galio.

2017

- Flavio Fae / Mirtes Fae;
- Eroito Baldasso / Alice Brol;
- Antonio Brol / Geneci Brol;
- Valdemar Baldasso / Veronica Baldasso.

2020

- Cícero Prando / Suélen Padilha;
- Mauricio Debarba / Indiara L. Debarba;
- Fabio Zanol.

2023

- Cícero Prando / Suélen Padilha Prando;
- Mauricio Debarba / Indiara L. Debarba;
- Nilvo Bernardi / Cleci Moresco;
- Fabio Zanol.



Ministros da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde

Foi no mês de novembro de 1976, durante a festa da padroeira, que foram empossados os primeiros ministros da comunidade de Nossa Senhora da Saúde: os senhores Santo Zambão e Romualdo Zambão. A partir daquela data, eles passaram a ter a missão de conduzir os assuntos religiosos da comunidade.

Uma das funções desses ministros era distribuir a Santa Eucaristia aos fiéis durante as celebrações, que durante os primeiros anos, eram conduzidas pelos membros da equipe de liturgia. Posteriormente, eles também assumiram o papel de ministros da Palavra, presidindo as celebrações dos cultos, conduzindo a celebração da esperança e desempenhando várias outras atribuições no âmbito religioso.

Figura 100 – Ministro em celebração





Romualdo Zambão exerceu essa função por pouco tempo, deixando o Sr. Santo Zambão responsável por conduzir toda a parte religiosa e espiritual sozinho até 1989. Nesse ano, o Sr. Joao Luiz Bevilaqua aceitou o convite da comunidade, fez um curso preparatório e assumiu, junto com o Santo Zambão, esse importante trabalho de evangelização por meio dos cultos e outras celebrações.

Figura 101 – Ministro João Luiz Bevilaqua



No ano 2000, o Sr. Claudiomar Antônio Galio e Maristela Zambão Batisteli aceitaram o

convite feito pelo conselho da comunidade e, após vários cursos preparatórios, foram empossados em novembro de 2000 como ministros da Palavra e da Eucaristia. A partir desse momento, a comunidade passou a contar com os trabalhos de Claudiomar Antônio Galio, Santo Zambão, Joao Luiz Bevilaqua e Maristela Batisteli, todos atuando como ministros da Eucaristia e da Palavra.

Figura 102 – Ministro Santo Zambão, Frei Atílio e a ministra Maristela Batisteli





No ano de 2003, Maristela Batisteli pediu afastamento das funções, deixando a comunidade com três ministros prestando os seus trabalhos, a partir deste momento.

No início do ano de 2006, foi feito um novo convite para Sr.^a Rosa Beltrame Penso, que após seis meses de curso preparatório, ingressou no grupo de Ministros em dezembro do mesmo ano. Assim, os ministros extraordinários da Eucaristia passaram a ser Santo Zambão, Joao Luiz Bevilaqua, Claudiomar Antônio Galio e Rosa Beltrame Penso.

Esses quatro permaneceram até 2007, quando Joao Luiz Bevilaqua, em virtude de mudança de endereço, se afastou do cargo e das funções que exercia. Durante o período de três anos, a comunidade foi atendida pelos ministros Claudiomar, Santo e Rosa, até meados de 2010, quando Ivo Felipon, que havia recentemente se mudado para a comunidade e já tinha exercido essa função em outras localidades, aceitou o convite e tomou posse no mesmo ano.

Em janeiro de 2015, Cicero Prando aceitou o convite da comunidade e iniciou o curso preparatório para se tornar ministro da Eucaristia e da Palavra. No decorrer desse mesmo ano, ele

tomou posse do cargo. A partir desse momento, a comunidade voltou a contar, novamente, com quatro ministros extraordinários da Eucaristia, que permaneceram até janeiro de 2020, quando Taísa Falavigna, foi empossada como ministra, em uma celebração realizada no Santuário Nossa Senhora do Caravaggio. Desde então, a comunidade passou a contar com os trabalhos de cinco ministros extraordinários da Eucaristia, os quais permanecem até a presente data.

No dia 28 de fevereiro de 2015, em uma celebração de ação de graças, o Sr. Santo Zambão encerrou o seu trabalho de 39 anos de dedicação como ministro extraordinário da Eucaristia e da Palavra.



Figura 103 – Ministros de 2015



Da esquerda para a direita estão Frei Valdir, ministro Ivo Felipon, ministra Rosa Penso, Bispo Diocesano Dom Mario Marques, Frei Luiz Carlos, ministro Santo Zambão, ministro Claudiomar Galio.



Figura 104 – Ministros atuais da comunidade



A foto acima retrata a renovação do mandato de ministros da Palavra e da Eucaristia, realizada na Igreja Matriz São Paulo Apóstolo de Capinzal/SC. A renovação foi concedida pelo Bispo Diocesano. Da esquerda para a direita: as ministras Taísa Falavigna, Rosa Penso; o ministro Claudiomar Antônio Galio; Bispo Diocesano, Dom Mario Marques; e os ministros Ivo Felipon e Cicero Prando.

Visita do Bispo Diocesano

No dia 11 de maio de 2015, a comunidade de Nossa Senhora da Saúde recebeu a visita pastoral do Bispo diocesano, Dom Mário Márquez, da Diocese de Joaçaba, acompanhado pelo pároco Frei Emerson Orane, da Paróquia São Paulo Apóstolo de Capinzal, à qual esta comunidade pertence.

Figura 105 – Visita do Bispo Diocesano na comunidade



Essa visita começou com a acolhida da comunidade ao Bispo e ao Pároco. Em seguida, Dom Mário Márquez deu as boas-vindas a todos os presentes, iniciando sua fala com uma oração. Depois, pediu que todos os presentes se apresentassem, falando um pouco sobre si e as funções que desempenhavam na comunidade. Após as apresentações, Dom Mário realizou uma bênção individual com imposição das mãos a todos os presentes.

Após a bênção, foi apresentado pelo coordenador da comunidade, Cesar Prando, um histórico de toda a trajetória da comunidade ao longo de mais de 100 anos desde sua fundação. Logo após, o pároco Emerson Orane fez a leitura do evangelho de João 16,5-11, e Dom Mário, por meio de uma reflexão, motivou toda a comunidade, narrando sobre a mensagem que a passagem bíblica nos orienta a seguir em nossa caminhada de fé.

Em seguida, Dom Mário falou sobre o objetivo da visita pastoral, que é percorrer as comunidades da diocese, conhecendo cada realidade, as pessoas e as iniciativas de evangelização. Ele destacou a importância de

transformar o seu lema, “Viver e anunciar o Evangelho”, em uma prática cotidiana, em sua missão como Bispo Diocesano.



Bispos Diocesanos



Dom Henrique Müller, OFM

Nascimento: 22/08/1922

Ordenação Presbiteral: 11/07/1949

Ordenação Episcopal: 14/09/1975

Posse: 14/09/1975

Renúncia: 17/03/1999

Lema: “Sejamos um, para que o mundo creia”.



Dom Osório Bebber, OFM Cap.

Nascimento: 11/06/1929

Ordenação Presbiteral: 13/02/1955

Ordenação Episcopal: 02/03/1980

Posse: 25/05/1999

Renúncia: 09/04/2003

Lema: “Vós sois todos irmãos”.



Dom Valmir Alberto Valle, IMC

Nascimento: 14/04/1938

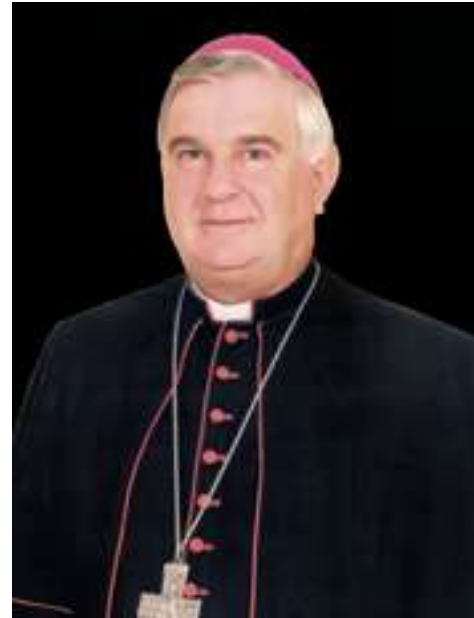
Ordenação Presbiteral: 21/12/1963

Ordenação Episcopal: 06/01/1986

Posse: 09/04/2003

Renúncia: 14/04/2010

Lema: “No serviço a paz”.



Dom Mário Marquez, OFM Cap.

Nascimento: 23/11/1952

Ordenação Presbiteral: 22/11/1980

Ordenação Episcopal: 06/08/2006

Posse: 19/02/2011

Lema: “Viver e anunciar o evangelho”.



Freis Capuchinhos

Religiosos Freis Capuchinhos que contribuíram para a história dos 110 anos da comunidade de Nossa Senhora da Saúde.



Padre: Pedro Pelosi
Pároco



Padre: Mathias
Pároco



Fr. Zeferino Giordano
Vigário Paroquial



Fr. Irineu de Pádua
Pároco



Fr. Honório de Bassano
Vigário Paroquial



Fr. Tomas Durisotto
Vigário Paroquial



Fr. Gilberto de Badia
Vigário Paroquial



Fr. Germano Barison
Vigário Paroquial



Fr. Epifânio Cechin
Vigário Paroquial





Fr. Honório de Bassano
Vigário Paroquial



Fr. Lourenço
Pároco



Fr. Crispin de Vigorovea
Pároco de Santa Lúcia



Fr. Damião Antonio Girardi
Vigário Paroquial



Fr. Constantino João Gozzo
Pároco



Fr. Bonifácio Piovesan
Vigário Paroquial





Fr. Beda Gavello
Pároco



Fr. Algacir S. Cornehl
Pároco



Fr. Adelino Frigo
Vigário Paroquial



Fr. Orlando Moreira
Vigário Paroquial



Fr. Victorino A. Prando
Vigário Paroquial



Fr. Valdir Possamai
Vigário Paroquial





Fr. Luizinho Marafon
Pároco



Fr. Daniel Heizen Sobrinho
Vigário Paroquial



Fr. Adelino Frigo
Vigário Paroquial



Fr. Luiz Carlos da Silva
Pároco



Fr. José Tosta
Pastoral Vocacional



Fr. José Maria da Silva
Vigário Paroquial



Fr. Justino Stolf
Pároco



Fr. José Remi P. Martins
Vigário Paroquial



Fr. Jandir Zanchettin
Vigário Paroquial



Fr. Jorge Dudu da Silva
Pároco



Fr. Camilo Frigo
Vigário Paroquial



Fr. Hélio de Andrade
Vigário Paroquial



Fr. Alessandro M. Farinasso
Vigário Paroquial



Fr. Vanderlei Ap. Sanches
Vigário Paroquial



Fr. Euzébio Luiz Pereira
Auxiliar Pastoral



Fr. Antonio Ap. de Lima
Vigário Paroquial



Fr. Atílio Galvan
Vigário Paroquial



Fr. Antônio Carlos da Silva
Vigário Paroquial



Fr. Everton H. Sicogna Jiupato
Vigário Paroquial



Fr. Evandro Ap. de Souza
Auxiliar Pastoral



Fr. Danilo Biasi
Vigário Paroquial



Fr. Émerson José Orane
Pároco



Fr. Renan Moreti
Agente Pastoral



Fr. Ivo M. Lazzarotto
Vigário Paroquial



Fonte: Acervo Studio Foto Real.



Clube Esportivo e Recreativo Noroeste

O Clube Esportivo e Recreativo Noroeste começou a ser idealizado no ano de 1958. A euforia ao ouvir os jogos da Seleção Brasileira despertou a motivação para criar um time de futebol que envolvesse todos os desportistas da comunidade. Com este objetivo, os Srs. Clovis Bevilaqua, Valério Bevilaqua e Claudio Bevilaqua foram os fundadores dessa iniciativa, mobilizando os demais membros da comunidade para a formação da equipe esportiva.

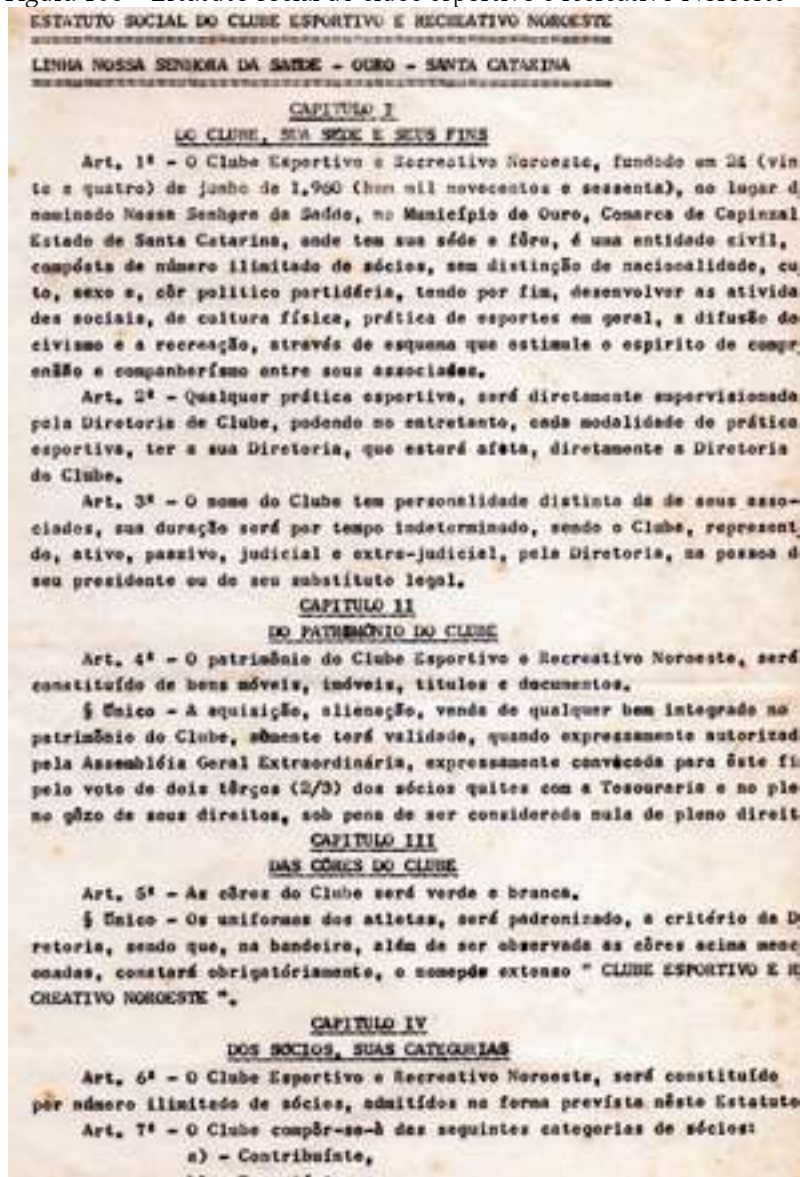
Durante um período de dois anos, muitas conversas aconteceram nas rodas de amigos, discutindo onde o campo seria instalado e, principalmente, qual seria o nome do time de futebol. Havia várias sugestões, mas um fato inusitado acabou definindo o nome do clube. Inicialmente, decidiu-se que o time se chamaria Vasco da Gama, e um jogo de camisas foi encomendado a um viajante que, frequentemente, se deslocava de trem a São Paulo para realizar compras. No entanto, ao chegar no referido local, verificou que as camisas do Vasco não estavam disponíveis, pois não existia estoque, em virtude de que muitos times, da época, optavam por usar esse nome. Sem muitas opções, ele comprou um jogo de camisas do Noroeste, um time que estava começando a ganhar notoriedade na época e disputava todos os campeonatos importantes.

Quando as camisas chegaram, Clovis Bevilaqua abraçou a ideia e convenceu os demais membros para que o nome do time fosse Noroeste Esporte Clube. Assim, em 24 de junho de 1960, conforme cópia do estatuto acima, foi fundado o Clube Esportivo e Recreativo Noroeste, tendo como primeiro presidente da agremiação, o Sr. Valério Bevilaqua.

A primeira bola do time de futebol foi adquirida por Valério Bevilaqua, que se deslocou de trem da estação de Capinzal até Barra do Leão, onde havia um comércio que vendia artigos esportivos.



Figura 106 – Estatuto social do clube esportivo e recreativo Noroeste





Ao longo dos anos, o campo de futebol esteve situado em vários locais. No início da constituição do time, os treinos e as primeiras disputas foram realizados em um terreno de Ozorio e Nísio Delazari. Logo em seguida, o campo foi transferido para o terreno de Alexandre Penso. Alguns anos depois, mudou-se para o terreno de Gottardin Dalbosco, às margens do rio Leãozinho, ficando pouco tempo nesse local. Com a disponibilização de um espaço físico mais adequado, cedido por Alcides Brol, a estrutura foi transferida para lá, ficando ali por, aproximadamente, oito anos. Posteriormente, o campo foi novamente transferido para o terreno de Alexandre Penso. Com o apoio do Prefeito Ivo Luiz Bazzo e com o uso de maquinários da prefeitura, foi realizado o nivelamento do terreno em 1971, permitindo que a prática esportiva, através dos jogos de futebol, pudesse ser realizada.



Figura 107 – Campo de Futebol no terreno de Alexandre Penso



A foto acima mostra a área onde os jogos de futebol eram realizados no terreno de Alexandre Penso, antes de o campo receber o nivelamento. O jogo, realizado em 1969, entre o Noroeste Esporte Clube e a equipe de futebol da comunidade de Arabutã, da cidade de Concórdia, tinha como objetivo a inauguração do novo jogo de camisas verdes e, também, a inauguração da bandeira do time de futebol. Os jogadores do time do Noroeste que participaram dessa partida foram, da esquerda para a direita, em pé: Santo Bevilaqua; Eurides Baretta; Fiorenço Bevilaqua; Santo Zambão; Fioravante Bevilaqua; e Angelin Zambão. Agachados: Valdir; Luiz Toscan; Arduino Bevilaqua; Oscar Zambão; Gabriel Penso; Abel Sanguanini; e Santo Penso.

Um detalhe importante é que, nas áreas anteriores onde o campo era instalado, o relevo do solo permanecia em seu formato original, o que dificultava, muitas vezes, a prática esportiva, devido à declividade e às ondulações do terreno.

Figura 108 – Time de futebol Noroeste





Figura 109 – Time de futebol Noroeste



Em pé, da esquerda para a direita: Ilário Clube (técnico); Florenço Bevilaqua; Santo Zambão; Santo Penso; Armando Galio; Dionisio Delazari; e Clovis Bevilaqua (goleiro). Agachados: Valério Bevilaqua; Carmelino Morosini; Raul Zambão; Claudio Bevilaqua; e Arduino Bevilaqua. Foto dos anos 1960.



Figura 110 – Time de futebol Noroeste



Foto acima, em pé, da esquerda para a direita: Binde; Santo Zambão; Xuxu; Fiorenço Bevilaqua; Santo Penso; e Moacir. Agachados: Mandu; Vilson Dambros; Emir; Arduino Bevilaqua; e Eurides Barreta.



Figura 111 – Time de futebol Noroeste



Equipe do Noroeste, de pé, da esquerda para a direita, Santo Bevilaqua; Fiorêngo Bevilaqua; Ivo Sanguanini; Santo Zambão; Santo Penso; Eurides Beretta; Ângelo Zambão. Agachados: Abel Sanguanini; Luiz Toscan; Oscar Zambão; Fioravante Bevilaqua; Zico; e Gabriel Penso.



Figura 112 – Time de futebol Noroeste



A foto acima, em pé, da esquerda para a direita: Armando Galio; Santo Penso; Fiorenço Bevilaqua; Arduino Bevilaqua; Ivo Sanguanini; Santo Bevilaqua; e Espedito Bevilaqua (técnico). Agachados: Santo Zambão; Eurides Barreta; Fioravante Bevilaqua; Primo Coelli; e Ary Galio.



Figura 113 – Time de futebol Noroeste



A foto representa uma das maiores conquistas da equipe do Noroeste, obtida contra a equipe da Associação Piratubense de futebol. Essa vitória foi alcançada no campo de Arabutã, no município de Ouro, que sediava o torneio em 1970, sendo considerada uma das grandes conquistas do Noroeste. Em pé, da esquerda para a direita: Arduino Bevilaqua; Santo Zambão; Santo Penso; Mandu; Clovis Bevilaqua; Montanari; Gabriel Penso; Fiorenço Bevilaqua; e Valerio Bevilaqua. Agachados: Ary Galio; Guerra; Eurides Barreta; Oscar Zambão; Primo Coeli; e Armando Galio.



Esse campeonato era um torneio de nível regional, conhecido como o “torneio dos torneios”, cuja conquista era muito cobiçada pelas grandes agremiações regionais da época. Para se ter uma ideia da intensidade da disputa, a decisão nos pênaltis exigiu 52 cobranças para, finalmente, ocorrer o desempate, dando a vitória à equipe do Noroeste, com o pênalti da vitória cobrado por Oscar Zambão.

Figura 114 – Time de futebol Noroeste completando a volta olímpica



Descrita como volta olímpica, na grande conquista no estádio de Arabutã.



Figura 115 – Time de futebol Noroeste



Outra prática esportiva, trazida pelos próprios imigrantes, foi o jogo de bocha. Embora existam poucos registros dessa modalidade, há muitos depoimentos que a descrevem como uma atividade muito praticada, principalmente aos domingos à tarde ou após as celebrações realizadas na comunidade. No passado, o esporte era praticado por pessoas mais velhas, mas com o passar do tempo, atraiu pessoas de todas as idades, inclusive as mulheres que também começaram a participar da atividade esportiva.

A partir de 1990, o futebol de salão também se tornou uma prática muito difundida na comunidade, com o Noroeste Esporte Clube participando de muitos campeonatos municipais e regionais, conquistando inúmeros títulos.



Festa do Centenário da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde

A comemoração do centenário da comunidade de Nossa Senhora da Saúde foi dividida em quatro etapas. No dia 14 de novembro de 2015, um sábado, às 20h, ocorreu a celebração da primeira noite do tríduo. No dia 18 de novembro de 2015, uma quarta-feira, às 20h30, foi celebrada a segunda noite do tríduo e, na sexta-feira, dia 20 de novembro de 2015, às 20h30, foi celebrada a terceira e última noite do tríduo, concluindo a preparação espiritual para o grande dia da comemoração dos 100 anos da comunidade.



Figura 116 – Igreja de portas abertas para os fiéis que vieram na festa



Sob a luz do Espírito Santo, que nos ilumina a todos, o grande dia da comemoração dos 100 anos aconteceu com uma programação extensa, mas com um único objetivo: dar graças a Deus pelo crescimento da comunidade, sempre alicerçada na fé.



Figura 117 – Recepção do Bispo Diocesano



A comemoração ocorreu no domingo, dia 22 de novembro de 2015, em um dia muito festivo e grande espiritualidade. O ato de recepção ao Bispo Diocesano, Dom Mario Márquez, aconteceu em frente à capela, onde muitas pessoas o aguardavam e ouviram, atentamente, as palavras evangelizadoras e de paz, no transcorrer de toda a celebração. Em seguida, no interior da igreja, ocorreu a celebração, às 10h30, presidida pelo Bispo Diocesano, Dom Mario Marques, em que muitos fiéis participaram com muita fé



e devoção. Posteriormente, foram realizadas algumas homenagens e a inauguração da reforma interna da igreja, juntamente com a bênção do novo sacrário, que foi todo construído em madeira esculpida e instalado na lateral do altar, em substituição ao anterior, que estava sobreposto na parede ao fundo do altar.

Figura 118 – Celebração com o Bispo Diocesano



Posteriormente, houve um almoço de confraternização entre todos os familiares da comunidade, que também serviu como um momento de reencontro para aqueles que haviam migrado para outras



regiões e retornaram, neste dia, para rever amigos e familiares. No período da tarde, no pavilhão da mesma comunidade, foi apresentado um histórico dessa caminhada, com a apresentação audiovisual de um resgate fotográfico que havia sido realizado. Essa apresentação permitiu aos participantes relembrar acontecimentos e muitos fatos marcantes. Por fim, todos cantaram os parabéns pelos 100 anos de caminhada da comunidade.

Figura 119 – Torre do Sino



A torre do Sino também teve sua reforma e pintura concluídas, sempre mantendo as características estruturais da primeira torre, construída em 1931.



Figura 120 – Fiéis participantes da missa de ação de graças, pelos 100 anos da comunidade





Figura 121 – Coordenadores da comunidade e Bispo



Cesar Prando e sua esposa Teresinha, coordenadores do conselho da comunidade na época, entregando uma cesta de produtos produzidos na comunidade de Nossa Senhora da Saúde em agradecimento pela visita de Dom Mario Márquez, pela oportunidade de compartilhar esse momento tão importante na caminhada de fé da comunidade.



Figura 122 – Mensagem do conselho da comunidade



Cesar Prando, coordenador do conselho administrativo na época, deixando sua mensagem para a comunidade.



Figura 123 – Bispo fazendo seu discurso parabenizando a comunidade



Dom Mario Márquez, Bispo Diocesano, deixou sua mensagem para a comunidade e para todos os participantes da festa do centenário. Ele motivou a todos para que, de pé, cantassem juntos os parabéns pelos 100 anos de caminhada de fé e pela grande união de todas as famílias que construíram essa história.



Figura 124 – Confraternização



A confraternização com almoço marcou o encontro de muitas famílias residentes na comunidade e de famílias visitantes. Foi, também, um momento de reencontro entre muitos amigos que há muito tempo não se viam, proporcionando boas conversas.



Figura 125 – Membros do conselho da comunidade



Membros do conselho da comunidade de Nossa Senhora da Saúde, juntamente com o Bispo Diocesano, na comemoração dos 100 anos de fundação da comunidade. Da esquerda para a direita: Claudia Trentin Galio; Claudiomar Antonio Galio; Cesar Prando; Teresinha Sanguanini Prando; Dom Mario Marques (Bispo Diocesano); Elaine Baldaço Dondel; Luiz Carlos Dondel; Rosa Beltrame Penso; Vanderlei Penso; e Ivo Felipon.



Mensagem do Bispo Diocesano Dom Mario Márquez



Dom Frei Mário Marquez
Bispo Diocesano de Joaçaba

110 ANOS EM 2024

**COMUNIDADE DE NOSSA SENHORA DA
SAÚDE**

OURO – SANTA CATARINA

*T*oda história tem uma razão que impulsiona a realização de sonhos, às vezes desejados, outras vezes forçados por uma necessidade. Foi assim que, certamente, os pioneiros desbravaram esta região, onde surgiu a povoação e nasceu esta comunidade. Atualmente, seus habitantes buscam resgatar sua história, registrando neste livro a bravura, os desafios enfrentados, as conquistas, tendo presente o trabalho, a cultura, a religiosidade, o desenvolvimento, as superações e realizações, todos fundamentados em seus valores cristãos, humanos e sociais.

Imigrantes europeus, em séculos passados, vivenciaram situações adversas em seus países: guerras; situações econômicas graves; e grandes dificuldades. Em busca de melhores condições



de vida, aventuraram-se para as Américas, onde surgiram povoados e cidades por onde passaram. Aqui, encontraram muitas dificuldades em todos os sentidos, mas trouxeram consigo valores fundamentais: a família; o trabalho; a fé; e a vontade de vencer.

E assim, da Itália ao Brasil, do Rio Grande do Sul a Santa Catarina, chegaram pela via férrea e por outros meios rudimentares de locomoção, e aqui se instalaram.

Durante uma Visita Pastoral realizada nas paróquias e comunidades da Diocese de Joaçaba, entre os itens solicitados, pedi que fosse apresentado um breve histórico de como cada comunidade surgiu. Na busca de informações, foi descoberto que a comunidade estava prestes a completar 100 anos. Então, sugeri que se fizesse uma comemoração do centenário.

A comunidade, então, iniciou os preparativos e conseguiram realizar um evento que foi marcado, brilhantemente, com exposição de fotos antigas, utensílios e ferramentas utilizadas pelos pioneiros, o histórico do sino, e uma grande confraternização com missa solene

presidida pelo Bispo Diocesano Dom Frei Mário Marquez.

Hoje, ao materializar seus 110 anos com a elaboração de seu primeiro livro, a comunidade busca resgatar a história da comunidade Nossa Senhora da Saúde, presente no município de Ouro, Santa Catarina, fazendo memória e trazendo para o presente o importante legado de nossos antepassados. Assim, esse legado ficará registrado documentalmente para as futuras gerações. Foi uma belíssima iniciativa.

A fé cristã, trazida pelos antepassados, marcou profundamente a religiosidade da comunidade até os dias atuais. A atuação pastoral dos Freis Capuchinhos alimentou a vida religiosa desse Povo de Deus. A presença das lideranças cristãs na evangelização fortaleceu a vida eclesial das gerações ao longo de sua história até os dias atuais.

A devoção a Nossa Senhora da Saúde perpassa toda a história de fé dessa comunidade. No entanto, a principal cura que a Mãe Celestial quer oferecer a seus filhos é a cura espiritual, a reconciliação com Deus, com o próximo e consigo mesmo.

Essa cura espiritual é algo tão profundo e belo que transforma a vida de quem a recebe. É a conversão do coração, a volta para a casa do Pai. Essa saúde espiritual é a principal missão da devoção à Nossa Senhora da Saúde. Quando estamos em plena saúde espiritual, temos força, ânimo e disposição para enfrentar as doenças físicas e emocionais.

A taça na mão de Nossa Senhora da Saúde simboliza o remédio que traz a saúde. Esse remédio pode ser o remédio químico, descoberto por cientistas iluminados por Deus, ou o remédio que vem do céu, pela intercessão da Mãe de Jesus. Essa é a razão da devoção: buscar a cura e saúde através da poderosa intercessão da Virgem Maria. Não importa se a cura venha pela intervenção humana ou divina; o que importa é que, de uma maneira ou de outra, a intercessão da Virgem Maria nos alcança a cura.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA SAÚDE

Virgem puríssima, que sois a Saúde dos enfermos, o Refúgio dos pecadores, a Consoladora dos aflitos e a Dispensadora de todas as graças, na minha fraqueza e no meu desânimo, apelo hoje para os tesouros da vossa misericórdia e bondade e atrevo-me a clamar-vos pelo doce nome de Mãe.

Sim, ó Mãe, atendei-me em minha enfermidade, dai-me a saúde do corpo, para que possa cumprir os meus deveres com ânimo e alegria, e com a mesma disposição, sirva o vosso filho Jesus e agradeça a vós, saúde dos enfermos.

Nossa Senhora da Saúde, rogai por nós.

Amém!





Mensagem do Pároco Frei Justino Felix Stolf



Frei Justino Felix Stolf
Pároco, Paróquia São Paulo Apóstolo

PARÓQUIA SÃO PAULO APÓSTOLO –
CAPINZAL/SC

A comunidade de Nossa Senhora da Saúde, no município de Ouro, Paróquia São Paulo Apóstolo, foi fundada por famílias vindas do Rio Grande do Sul. Chegaram no início do século passado e não traziam muita coisa na bagagem, mas carregavam na alma uma riqueza incalculável. Forjados na dureza da vida, alimentavam grandes sonhos que sabiam que só alcançariam com muito sacrifício. Como pioneiros, enfrentaram a rudeza das terras ainda não desbravadas. De caráter inquebrantável, não temiam os pesados desafios que encontrariam, nem as duras privações e as surpresas que escondiam aquelas terras bravias.

Traziam no espírito inabaláveis valores cristãos e humanos, herdados dos seus antepassados, que lhes davam uma coragem invencível. Aos poucos, conseguiram melhorar as condições de vida, mas a prioridade era criar os filhos com sólidos fundamentos éticos, humanos



e cristãos, assim como foram formados. Foram gerações que consolidaram a comunidade, dignificando e honrando os pioneiros.

A precariedade e as grandes dificuldades para cuidar da saúde das famílias inspiraram a devoção a Nossa Senhora da Saúde, que deu nome à comunidade. Essa devoção a Maria, sob esse título, caracteriza a comunidade, que sempre é procurada por tantas pessoas em busca da saúde do corpo e do espírito. Hoje, as famílias desfrutam de grande conforto, estabilidade e comunicação, mas as enfermidades continuam, sendo até mais complexas e diversificadas. Por isso, Maria Santíssima permanece como um refúgio de esperança, com grande poder de prevenir e curar enfermidades.

Os fundadores dessa comunidade, iniciada em 1914, tinham como prioridade desde o início, a construção de uma capela como centro de referência e sinal da sua fé cristã. A assistência religiosa era feita pela paróquia de Campos Novos. Em 1931, foi criada a Paróquia São Paulo Apóstolo em Capinzal, que passou a assistir a comunidade. Em 1936, os Freis Capuchinhos da Província de São Lourenço de Brindes assumiram a paróquia. Desde

então, dezenas de Freis trabalharam nessa paróquia, visitaram e conheceram a comunidade Nossa Senhora da Saúde. A espiritualidade e o carisma franciscanos marcaram fortemente as famílias, sempre visitadas pelos freis. Eles contribuíram decisivamente para a construção da comunidade ao longo de muitos anos de sua existência. Os primeiros freis que atenderam a comunidade eram italianos, o que também contribuiu para preservar as sagradas tradições culturais, familiares e cristãs trazidas pelos fundadores. Graças à colaboração e integração entre freis e povo, esse sagrado legado permanece até hoje. São valores inalienáveis que caracterizam a comunidade e inspiram os jovens. Por tudo isso, tantos freis são lembrados ainda hoje por suas qualidades, características e pela dedicação com que serviram durante o tempo em que estiveram aqui.

Para que esses incalculáveis valores históricos não se percam, eles estão registrados nesse livro, para que a geração atual e as futuras se inspirem nesses heróis anônimos e, como eles, contribuam para um mundo mais feliz, fraterno, humano e cristão.

PAZ E BEM!



Mensagem do Organizador do Livro

Claudiomar Antonio Galio



Claudiomar Antônio Galio
Organizador

Estimados membros da comunidade de Nossa Senhora da Saúde, durante a produção deste resgate histórico, muitas horas foram dedicadas a pesquisas em documentos e livros históricos para fundamentar com veracidade todas as informações. No entanto, foi nas entrevistas com as 31 famílias que visitei entre novembro de 2023 a maio de 2024, que encontrei a verdadeira motivação para continuar com a busca incansável por informações e fatos históricos. A cada conversa com essas famílias, percebia o entusiasmo com que relatavam fatos e acontecimentos que faziam parte de seu passado. Ao lembrar como era a vida, as diversões, os trabalhos e a vida em comunidade, era visível, no semblante de cada entrevistado, a gratidão por poder fazer parte desses registros históricos e por deixar, para as futuras gerações, o relato de como foi a origem de seus antepassados.



Agradeço a todas as famílias da comunidade que contribuíram com fotos e informações, à Paróquia São Paulo Apóstolo e à Secretaria de Educação do município de Ouro, pois ambas contribuíram principalmente com documentos históricos. Agradeço, também, ao conselho atual da comunidade, que sempre me apoiou e confiou a mim a realização deste material.

Agradeço também aos colaboradores entrevistados em Santa Catarina, nas cidades de Ouro, Capinzal, Campos novos, Lacerdópolis e Jaborá. No Rio Grande do Sul, em Antônio Prado e Carlos Barbosa. E em Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte.

Elaborar este documento foi uma experiência muito gratificante, na qual vivenciei toda a trajetória da comunidade, desde a motivação dos primeiros imigrantes em firmar residência nesta localidade, passando pela estruturação da primeira sede da comunidade até a evolução que ela teve até os dias atuais.

Agradeço a Deus por ter me permitido realizar este registro histórico e, também, por fazer parte desta comunidade



Mensagem do Conselho Administrativo da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde

Caros membros e amigos da comunidade de Nossa Senhora da Saúde,
É com grande alegria e um profundo sentimento de responsabilidade que anunciamos a realização deste documento sobre os 110 anos da nossa amada comunidade. Este projeto não apenas celebra uma data significativa, mas também preserva a rica história de convivência e fé que nos une.

Desde sua fundação em 1914 por imigrantes da Serra Gaúcha, principalmente das cidades de Antônio Prado e Monte Negro, nossa comunidade tem sido um testemunho de dedicação, ajuda mútua e resiliência. Nossos antepassados desbravaram estas terras com muito esforço físico e força de vontade, impulsionados pela esperança de uma vida próspera e pela fé cristã que os guiava.

Nos primeiros anos, a vida era dura, mas a fé e a união comunitária foram fundamentais. Reuniões para a reza do terço, conversas ao redor do chimarrão ou de um copo de vinho, e a escolha de um terreno para orações e encontros comunitários formaram os alicerces desta vibrante comunidade.

Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão às famílias fundadoras, cujos esforços e sacrifícios foram essenciais para a construção e desenvolvimento da nossa comunidade:

- Família José Galio;
- Família de Santo Penso;
- Família Fontana;
- Família de Gerolamo Lovatel;
- Família de Ettore Sanguanini;
- Família de Francesco Zambão;
- Família Delazari;
- Família de Antonio Bevilacqua;
- Família José Moresco.



Além disso, agradecemos de coração a todos os bispos e freis que fizeram parte da nossa jornada espiritual e comunitária. A orientação, o apoio e a dedicação de vocês foram fundamentais para a construção da nossa fé e da nossa união como comunidade.

Queremos agradecer também ao Claudiomar Antônio Galio, que relatou todas as histórias neste livro com muita dedicação, cautela e zelo. Seu trabalho meticuloso e apaixonado garante que nossas memórias e tradições sejam preservadas para as futuras gerações.

Este documento é uma homenagem aos nossos fundadores, às suas histórias de sacrifício e fé, e ao legado que nos deixaram. Esperamos que todos apreciem este trabalho e que ele sirva como um instrumento de renovação da nossa fé e união comunitária.

Agradecemos a todos os que contribuíram para a realização deste projeto e convidamos a todos a compartilhar e valorizar este importante capítulo da nossa história.

Com fé e gratidão,



Conselho Administrativo da Comunidade de Nossa Senhora da Saúde:

Da esquerda para a direita: Fabio Zanol, Nilvo Bernardi, Mauricio Debarba, Cicero Prando, Cleci Moresco, Indiará Lovatel Debarba e Isabela (no colo), Suélen Padilha Prando e Maria Alice (no colo).



Sobre o Organizador

Claudiomar Antônio Galio, filho de agricultores, nasceu em 29 de agosto de 1973, natural do município de Ouro, Santa Catarina. Casado com Claudia Trentin Galio, é pai de dois filhos: Rafael Galio e Beatriz Galio. Exerceu a atividade de agricultor até os 33 anos de idade. Aos 45 anos, iniciou a graduação em Administração e aos 50 anos formou-se pela Universidade UniCesumar, em Maringá, Paraná. Empreendedor, é sócio-fundador de três empresas: Balneário Thermas de Ouro, Gapen Agência de Viagens e Nutriouro Alimentos, onde atualmente atua como gerente de indústria, compras e fornecimento de matéria-prima.

Natural da comunidade, desde criança atuava como coroinha. Alguns anos depois, tornou-se catequista, participou por duas vezes como membro do conselho da comunidade, e atua como ministro extraordinário da Palavra e da Eucaristia há 24 anos, iniciando essa atividade em novembro de 2000.



MINISTÉRIO DA
CULTURA

